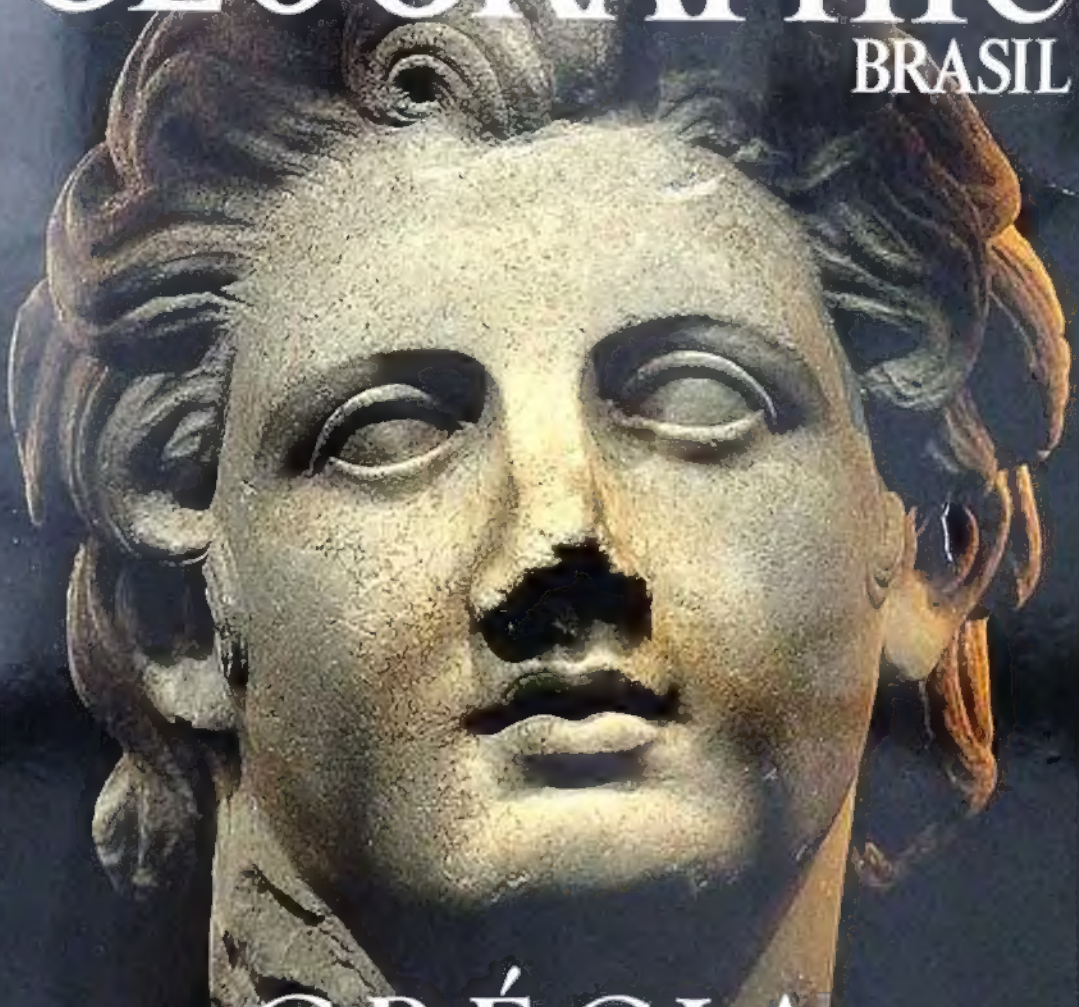
EDIÇÃO ESPECIAL DE COLECIONADOR

NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL



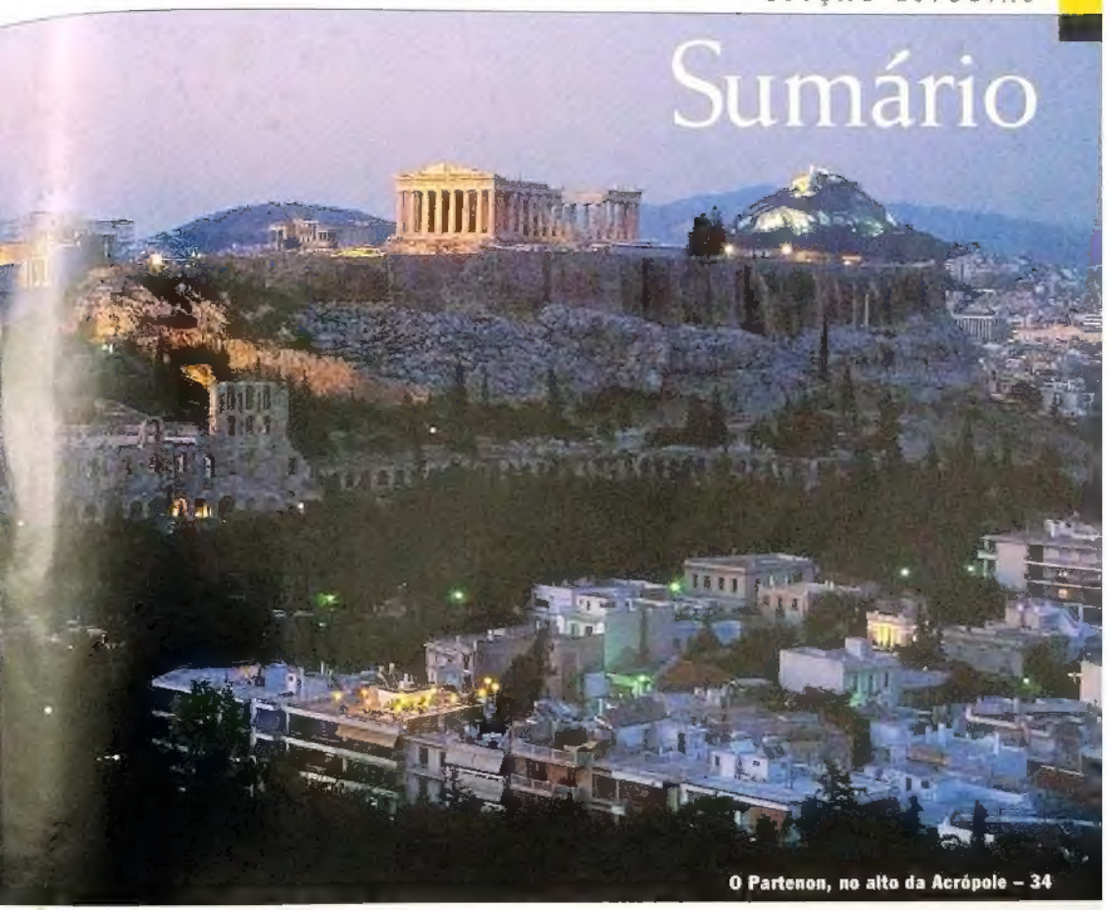
GRÉCIA ANTIGA

A mítica Guerra de **Tróia** Como era a vida no apogeu de **Atenas**

A trajetória de **Alexandre**, o grande conquistador

R$ 19,95

Sumário



O Partenon, no alto da Acrópole – 34

REPORTAGENS

8 Ecos da era dos heróis Para estudiosos contemporâneos, o poema épico *Ilíada*, de Homero, que descreve a famosa Guerra de Tróia, entre gregos e troianos, continua refletindo no século 21 os fundamentos da experiência humana. A obra nos deu o panteão dos deuses do Olimpo e é o mais antigo poema europeu.

34 Caminho para a glória A Era Clássica da Grécia é considerada um dos pontos essenciais para a moderna civilização. As cidades gregas foram centros inovadores no governo, na arte e na ciência. Mas seus habitantes eram de carne e osso, muitas vezes supersticiosos e adeptos de rituais hoje vistos como enigmáticos.

64 Alexandre, o conquistador Em sua breve existência, Alexandre, o Grande, o jovem rei do século 4 a.C., tornou-se lendário por seus atos de crueldade e valentia na guerra. Para o bem ou para o mal, suas conquistas marcaram para sempre o mundo e criaram um dos maiores e mais frágeis impérios da história.

POR CAROLINE ALEXANDER FOTOS DE JAMES L. STANFIELD

CAPA

Mesmo antes de sua morte, aos 32 anos, Alexandre, o Grande, era considerado um deus por muitos gregos.

FOTO DE JAMES L. STANFIELD

MAIS INFORMAÇÕES

VISITE O SITE DA NATIONAL
www.nationalgeographicBR.com.br
PARA ASSINAR A REVISTA LIGUE
(11) 3347 2121 - Grande São Paulo
0800 701 2828 - outras localidades
De 2ª a 6ª, das 8h às 22h
SITE www.assineabril.com.br

NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL

PUBLICIDADE

ASSESSORES

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO
José Batista de Carvalho
Maria Maria Magiani
Revisores

Claudio Marcondes
Ida Maria Lando
Tradutores

APOIO EDITORIAL
Susana Camargo
Departamento de Documentação
Rosi Pereira
Abril Press
Susana Cruz
Propress

NÚCLEO ABRIL DE PUBLICIDADE
Pedro Caldognetto
Diretor de Publicidade

Claudia Prado e Fernando Sobadin
Gerentes de Vendas

MARKETING E CIRCULAÇÃO
Ricardo Cianciaruso
Gerente de Marketing
Carla Soares
Gerente de Produto
Cristiana Cardoso e Gabriela Yamaguchi
Projetos Especiais
Erica Lemos
Marketing Publicitário
Marina Deolino
Promoções e Eventos
Ida Ferreira e Ricardo Carvalho
Processos
Fábio Luis dos Santos e Lourdes Oliveira
Planejamento e Controle
Ronaldo Borges Raphael
Gerente de Circulação Avulsos
Evaldo Nader Lima Jr.
Gerente de Circulação Assinaturas

ASSINATURAS
Ana Dilascio
Diretora de Operações de Atendimento ao Consumidor

Fernando Costa
Diretor de Vendas

NATIONAL GEOGRAPHIC

WILLIAM L. ALLEN, *Editor in Chief*
BERNARD OHANIAN, *Associate Editor*
ROBERT L. BOOTH, *Managing Editor*

SENIOR EDITORS
DON BELT, *Geography and World Affairs*
WILLIAM T. DOUTHITT, *Story Development*
JOHN A. ECHAVE, *Research Grant Projects*
CHRIS JOHNS, *Illustrations*
KENT J. KOBERSTEEN, *Photography*
LISA MOORE LAROE, *Staff Writers*
VALERIE A. MAY, *New Media*
PETER MILLER, *Expeditions*
JOHN G. MITCHELL, *Environment*
OLIVER PAYNE, *Manuscripts*
CONSTANCE H. PHELPS, *Design*
LESLEY B. ROGERS, *Research*
CHRISTOPHER P. SLOAN, *Art*

INTERNATIONAL EDITIONS
VANESSA AMPOLINI, *Editorial Manager*
DEMETRA APOSPOROS, *Text Editor*
ANGELA BOTZER, *Production Editor*
AMY KOLCZAK, *Text Editor*
LISA ROCHE, *Design Editor*

EDITORIAL STAFF
Design: Alexandra Balfour
Photography: Anne Schmitz
Text: Beth Gaulart
Editorial Coordinator: Pamela Webb
Interns: Risa Pstarnaark

ENGRAVING & PRINTING
Director: George Bounelis

NG MAPS
Maureen J. Hyrn

CONSULTANTS
Betsy Levine, Robin Perry

Copyright © 2003 National Geographic Society. Todos os direitos reservados. A National Geographic e a moldura amarela da capa são Marcas Registradas da A Revista National Geographic não se responsabiliza por material editorial não solicitado.

Impressa na Divisão Gráfica da Editora Abril S.A.

NATIONAL GEOGRAPHIC SOCIETY

Para a ampliação e a difusão dos conhecimentos geográficos.

A National Geographic Society foi fundada em Washington, D.C., como organização científica e educacional sem fins lucrativos. Desde 1888, a Sociedade patrocinou mais de 7 mil explorações e pesquisas, aumentando assim nossos conhecimentos a respeito da terra, do mar e do céu.

JOHN M. FAHEY, JR., *President and CEO*

EXECUTIVE VICE PRESIDENTS
TERRENCE B. ADAMSON, LINDA BERKELEY
TERRY D. GARCIA, JOHN Q. GRIFFIN,
NINA D. HOFFMAN, CHRISTOPHER A. LIEDEL

INTERNATIONAL LICENSING
ROBERT W. HERNÁNDEZ
ELSA ABRAHAM, PATRICIA BAUMAN,
CYNTHIA COMBS, PATRICIA HITT,
AMY JOHNSON, DECLAN MOORE,
HOWARD PAYNE, MARSHA V. ROBERTS

RESEARCH AND EXPLORATION COMMITTEE
Peter H. Raven, *Chairman;* John M. Francis, *Vice Chairman and Executive Director;* Richard S. Williams, Jr., *Vice Chairman;* Martha E. Church, Scott V. Edwards, William L. Graf, Nancy Knowlton, Dan M. Martin, Scott E. Miller, Jan Nijman, Stuart L. Pimm, Elsa M. Redmond, William H. Schlesinger, Bruce D. Smith, Hans-Dieter Sues, Henry T. Wright, Patricia C. Wright

EXPLORERS-IN-RESIDENCE
Robert Ballard, Wade Davis, Sylvia Earle, Jane Goodall, Zahi Hawass, Louise Leakey, Meave Leakey, Johan Reinhard, Paul Sereno

CONTRIBUTING PHOTOGRAPHERS-IN-RESIDENCE
Sam Abell, Annie Griffiths Belt, David Doubilet, Karen Kasmauski, Emory Kristof, Frans Lanting

BOARD OF TRUSTEES
GILBERT M. GROSVENOR, *Chairman*

EDITORA Abril

VICTOR CIVITA
(1907-1990)
Fundador

Roberto Civita
Presidente e Editor
Thomaz Souto Corrêa
Vice-Presidente e Diretor Editorial

Maurizio Mauro
Presidente Executivo

Laurentino Gomes
Diretor Editorial Adjunto
Ruth de Aquino
Diretora de Projetos
Deborah Wright
Vice-Presidente Comercial
Thaís Chede Soares B. Barreto
Diretora de Publicidade Corporativa

Abril

Roberto Civita, *Presidente e Editor*

José Augusto Pinto Moreira,
Maurizio Mauro, Thomaz Souto Corrêa
Gabinete da Presidência

Maurizio Mauro, *Presidente Executivo*

Deborah Wright, Emilio Carazzai, José Wilson Armani Paschoal, Valter Pasquini
Vice-Presidentes

www.abril.com.br

ECOS *da era* DOS HERÓIS

Um combate mortal, em ouro e prata, salta da lâmina carcomida de uma adaga de bronze encontrada em Micenas. Na Ilíada, *essa cidade liderou os gregos contra Tróia. Embora lutassem como "vorazes leões", os troianos acabaram derrotados nessa lendária guerra ocorrida na Idade do Bronze. Para os arqueólogos modernos, o grande poema épico de Homero talvez seja mais do que um simples mito.*

Por CAROLINE ALEXANDER
Fotos de JAMES L. STANFIELD

"Às vezes o núcleo de um mito é um fato histórico", diz Nikoletta Demopoulou, de Atenas. O rapto de Helena, rainha de Esparta, foi tal afronta para os gregos que estes reagiram mantendo um cerco de dez anos a Tróia. Esta ânfora do século 7 a.C. mostra a imagem mais antiga do cavalo de madeira que "trouxe infortúnio e ruína aos troianos".

MUSEU ARQUEOLÓGICO DE MIKONOS, MIKONOS

Canta-me, ó deusa, a ira funesta de Aquiles, filho de Peleu, / que fez cair incontáveis sofrimentos sobre os aqueus / e lançou ao Hades as almas fortes de tantos heróis, mas fez dos seus corpos pasto para os cães / e todas as aves; cumprindo-se assim o desígnio de Zeus...

Durante quase três milênios esses versos vêm anunciando, como o rufar dos tambores, o início da *Ilíada*, de Homero, uma das obras de arte mais duradouras e influentes jamais compostas. O enredo dessa epopéia é de uma simplicidade enganadora, concentrando-se nos acontecimentos de um período de cerca de duas semanas, no último ano da famosa Guerra de Tróia, na qual gregos e troianos combateram por Helena, a esposa foragida do rei de Esparta. O explosivo confronto anuncia-se já nos primeiros versos: trata-se do conflito entre Aquiles, o mais valoroso dos guerreiros gregos reunidos diante de Tróia, e Agamêmnon, seu poderoso comandante, ainda que às vezes inábil. Tomado de fúria, Aquiles retira-se do combate, com desastrosas conseqüências para os gregos. Só quando seu querido amigo Pátroclo é morto por Heitor, príncipe troiano, Aquiles retorna ao campo de batalha, sedento de vingança. Realiza então seu intento com a morte brutal de Heitor, encerrando-se o poema com o funeral do corajoso e malfadado troiano.

Em outro nível, porém, a *Ilíada* explora as preocupações mais profundas da humanidade – as limitações humanas, o relacionamento dos indivíduos com os deuses e a comunidade, assim como a honra, a guerra e a condição de mortal do homem. O sentido da *Ilíada* é perene. Anos atrás, acompanhando pela televisão a guerra na Somália, assisti ao terrível destino de um soldado americano arrastado pelas ruas de Mogadishu, e me ocorreu que na verdade o mundo havia mudado muito pouco. Nenhum leitor da *Ilíada* consegue se esquecer da cena em que, após triunfar, Aquiles arrasta o corpo de Heitor com seu carro de guerra, "os cabelos bastos e escuros esparzidos".

A *Ilíada* deu aos gregos da Era Clássica – assim como a nós – o panteão dos deuses e deusas do Olimpo. Sendo o mais antigo poema europeu que resta hoje, a *Ilíada* foi o modelo para os poetas épicos subseqüentes, como Virgílio, Dante, Milton e, mais recentemente, Derek Walcott, caribenho laureado com o Nobel de literatura em 1992. Mesmo na cultura popular contemporânea encontram-se inúmeros ecos do velho Homero. Por isso, assim como por sua ação envolvente e seus personagens expressivos, a *Ilíada* continua refletindo, mesmo no século 21, os fundamentos essenciais da experiência humana.

Meu primeiro encontro com a *Ilíada* ocorreu aos 14 anos de idade, e continuo fascinada até hoje. Mas a impressão que me causa o poema foi se modificando no decorrer do tempo. Antes o embate entre os guerreiros parecia glamouroso e heróico. Atualmente, leio a epopéia com olhos para a tragédia da juventude perdida. Se fosse adaptar o poema para os dias atuais, escolheria como cenário o bairro pobre de uma grande metrópole e faria de gregos e troianos gangues rivais, governadas por seus códigos de honra e sedentas de glória. Para os gregos da Antiguidade, a *Ilíada* era o relato de acontecimentos verídicos do seu passado, e a Guerra de Tróia, um fato histórico. Alguns deles acreditavam ser descendentes dos heróis homéricos. Alexandre, o Grande, que sempre levava consigo um exemplar da *Ilíada*, reconstituiu sua linhagem materna até Aquiles. A realidade, porém, é muito mais complexa. No fim das contas, a *Ilíada* não é uma "história real" nem tampouco apresenta uma imagem fiel da Grécia na última fase da Idade do Bronze – de cerca de 1600 a.C. até 1100 a.C.

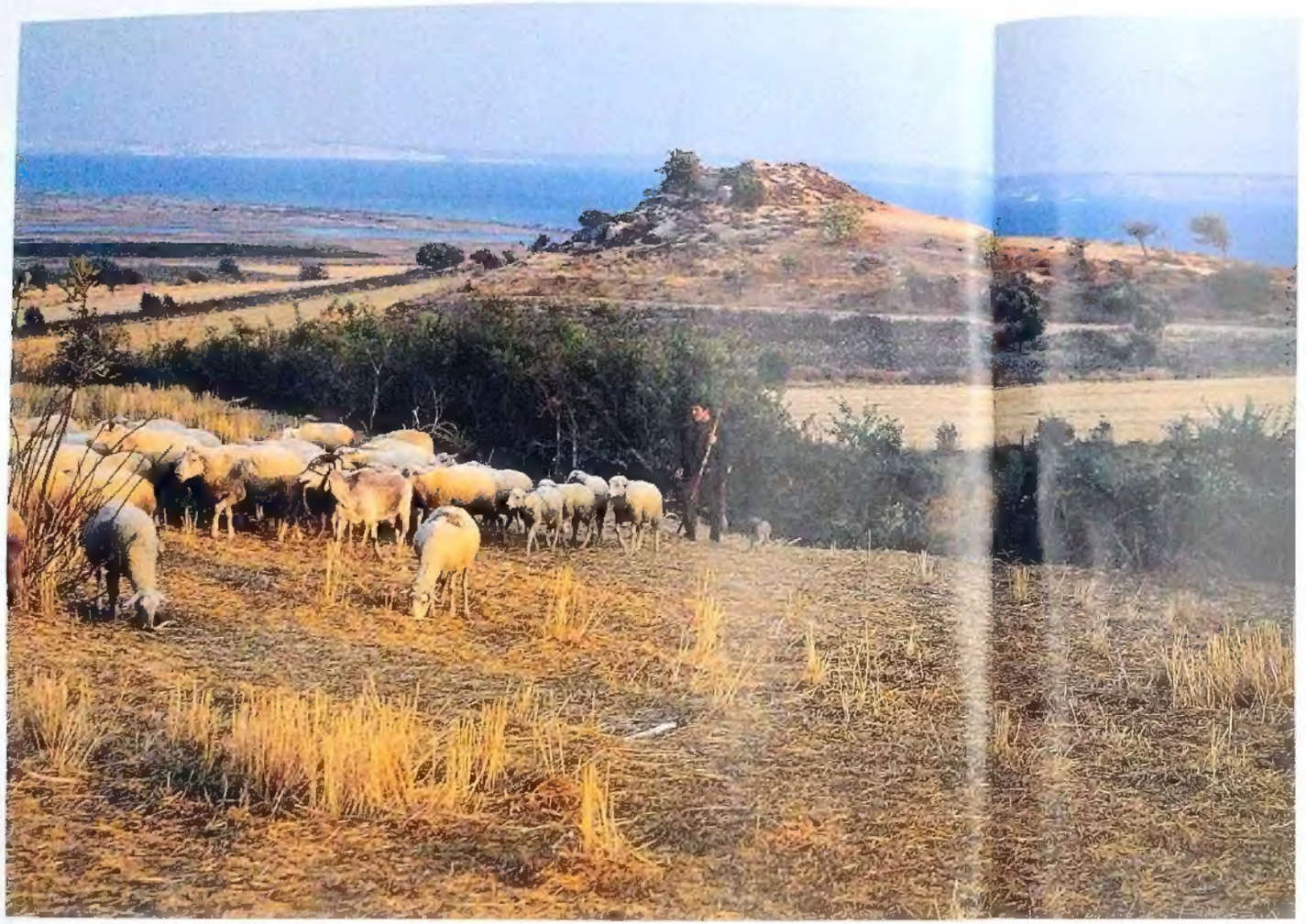
Na verdade, a *Ilíada* não foi composta nesse período, chamado pelos historiadores de Era Micênica. Ela é o resultado final de uma inspirada tradição da poesia oral, que se estendeu por cerca de 500 anos. Do século 13 a.C., auge da Era Micênica, até a época de Homero, no século 8 a.C., poetas profissionais anônimos foram transmitindo e dando forma, de geração em geração, ao poema épico. Cada um deles acrescentou-lhe algo do seu próprio gênio. Além disso, o gosto das sucessivas gerações de ouvintes sempre ávidos pela *Ilíada* decerto contribuiu para manter a excelência desses bardos. Os gregos atribuíram a forma final dessa obra-prima a um poeta que chamaram de *theios Homeros*, ou seja, "divino Homero". E nós, assim como eles, não sabemos nada mais sobre esse homem além de seu suposto nome.

A maioria dos arqueólogos e pesquisadores estuda o final da Idade do Bronze devido ao interesse próprio do período, e não para esclarecer melhor a *Ilíada*. Mesmo assim, pesquisas modernas e sofisticadas sobre esse período continuam revelando detalhes inequivocamente "homéricos", comprovando que a *Ilíada*, mesmo não tendo sido composta na Idade do Bronze, conserva vestígios dessa época. Também eu não estava em busca da Guerra de Tróia, mas tinha enorme interesse em todos os fragmentos históricos que conferem à *Ilíada* sua rica textura: a região em torno de Tróia, no noroeste da Turquia; as muralhas ciclópicas de Micenas e seu fabuloso tesouro; as naus de guerra e as armas da Idade do Bronze; os resquícios do idioma micênico, falado pelos gregos da época – eram essas as relíquias que me interessavam.

Imortalizada em pedra, uma luta heróica enobrece este friso do século 4 a.C., numa sepultura da Turquia. Esta cena do cerco de Tróia lembra a batalha final da Ilíada, em que o "alto Heitor de capacete reluzente" enfrentou o "brilhante Aquiles de pés velozes", herói grego. "Heitor arremete, brandindo a espada afiada", e "Aquiles lhe enterra a lança longa no pescoço macio". Diante dos muros de Tróia, Aquiles matou Heitor – e com ele se foram as esperanças da cidade.

KUNSTHISTORISCHES MUSEUM, ANTIKENSAMMLUNG, VIENA

Maciças muralhas de pedra tornavam a antiga Tróia inexpugnável – ou assim achavam seus habitantes. Estas muralhas surgiram de escavações feitas, na década de 1870, na colina turca de Hisarlik – talvez a "Ílio fustigada pelos ventos". Esse sítio arqueológico guarda vestígios de pelo menos nove cidades, um período de cerca de 3,5 mil anos. Tróia VI (acima) e Tróia VII existiram de 1250 a 1150 a.C., época da Ilíada. *Esqueletos, marcas de fogo e pedras usadas em fundas podem ser "indícios de uma guerra perdida", segundo Manfred Korfmann.*



Durmus Nayman conduz seu rebanho pela paisagem repleta de fantasmas (acima). Atrás dele vê-se o "túmulo de Ajax", uma das mais de 40 elevações que, segundo a lenda, homenageiam os heróis da Guerra de Tróia. Mais para o sul da famosa planície, Arife Karadeniz e companheiras colhem algodão (à esquerda). A terra e os rebanhos eram valiosos para gregos e troianos, mas a guerra os afastava das alegrias do pastoreio. Quando os exércitos de Homero se chocaram aqui, "os gritos de dor e de triunfo se elevavam, vindos dos que matavam e dos que morriam, e o sangue corria pela terra".

De certa forma, a *Ilíada* conta a história de duas cidades: Tróia, ou "a Ílio fustigada pelos ventos", rica cidade da Ásia Menor que dominava o estreito de Dardanelos, e a "Micenas rica em ouro", cidade que comandou a invasão das forças gregas pelo mar Egeu até os muros de Tróia. Durante séculos pensou-se que os tesouros dessas cidades lendárias existiam apenas na imaginação. Todavia, entre 1870 e 1890, Heinrich Schliemann, negociante alemão ambicioso e obstinado, colocou no mapa essas cidades "perdidas". Seguindo as indicações de um arqueólogo amador local (a quem nunca deu o devido crédito), Schliemann exumou as ruínas de Tróia e depois encontrou o tesouro de Micenas.

Todas as descrições de Micenas na *Ilíada* falam do seu poderio. E, de fato, quando me postei na base da acrópole de pedra onde se ergue a "cidadela de fortes alicerces" de que fala Homero, ergui os olhos e descobri que essas descrições ainda são válidas. Mesmo em ruínas, a grande fortaleza continua altiva. Como há séculos, ela domina a planície de Argos, toda rodeada de montanhas, que divisei ao longe apenas como uma mancha difusa, dourada e púrpura, enevoada pelo calor. Ao subir a rampa na entrada da cidadela, parei diante da famosa Porta dos Leões – um conjunto de pilares e um lintel de blocos de pedra colossais sobre o qual, formando um arco, havia dois imponentes leões heráldicos, gastos pelo tempo.

No final do dia, após a partida dos ônibus de turistas, permaneci sozinha na acrópole vazia, ouvindo o vento suspirar nas muralhas maciças, como faz há bem mais de 3 mil anos. Acima de mim, as montanhas descalvadas pareciam sentinelas guardando a cidade extinta. Desse lugar, vigias alertas podiam notar a aproximação de inimigos a quilômetros de distância.

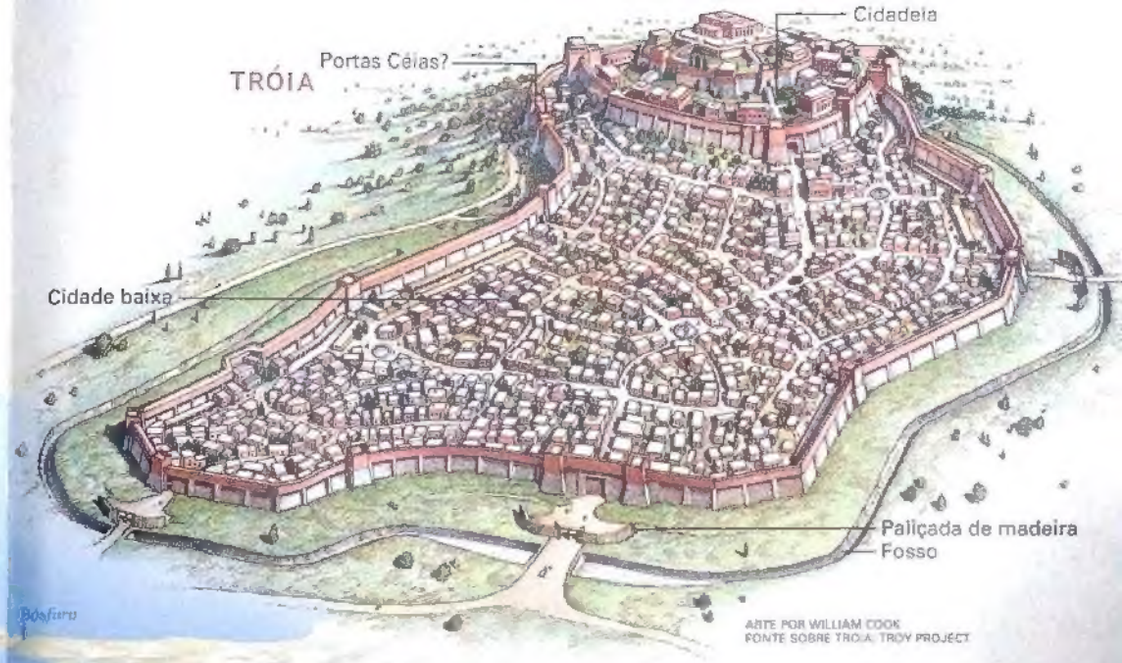
POR SER UMA EPOPÉIA, a *Ilíada* interessa-se sobretudo pelo destino dos reis e dos guerreiros, não dos homens comuns. E, embora os arqueólogos tenham desenterrado indícios de casas humildes, feitas de madeira e adobe, os vestígios mais numerosos e que mais bem resistiram à ação do tempo são os deixados pelos ricos e poderosos de Micenas. As espessas muralhas rodeavam todo um complexo palaciano – casas, santuários, armazéns e aposentos reais, decorados com afrescos coloridos e pedras entalhadas. Passeando na cidadela vazia, em meio a ruínas de muros, e pisando o chão de terra batida outrora decorado com estuque pintado e lajes de gesso, não pude deixar de sentir a atmosfera de poder e majestade que ainda emana do local.

Na *Ilíada*, o rei de Micenas, Agamêmnon, também era o principal comandante das forças gregas – não porque se destacasse de alguma forma, mas por ter herdado do pai, Atreu, a riqueza e o poder. A Micenas histórica dominava a Argólida, importante e rica região no nordeste do Peloponeso, que por sua vez controlava boa parte do comércio no mar Egeu. Schliemann e os arqueólogos posteriores localizaram mais de dez grandes centros micênicos, além da própria Micenas, assim como centenas de sepulturas e assentamentos, todos partilhando a mesma cultura. Midéia, Tirinto "das imponentes muralhas", a "sagrada" Pilos, Argos, Orcômeno "rica em carneiros" – muitos desses centros são mencionados na *Ilíada*.

A narrativa da *Ilíada* trata, basicamente, de uma única ocasião em que Micenas fez valer seu vasto poderio – liderando os exércitos gregos unificados contra os troianos. É possível que nenhuma outra obra literária se compare, em termos de relato de guerra, à *Ilíada*. Com grande sutileza, a epopéia evoca tanto a temeridade dos jovens heróis sedentos de glória como o sangrento fim de cada um deles.

A GUERRA

"Grandes montanhas e o vasto mar sonoro entre nós se estendem." Assim falou o herói grego Aquiles, referindo-se à sua terra natal e a Tróia. Distantes 400 quilômetros, Tróia e Micenas eram prósperas rivais. Desde o Peloponeso, Micenas comerciava por todo o Egeu. Tróia dominava o Helesponto e o acesso ao mar Negro. Para alguns historiadores, a causa da Guerra de Tróia pode ter sido um conflito pelo controle de rotas mercantis.



ARTE POR WILLIAM COOK
FONTE SOBRE TRÓIA: TROY PROJECT

Micenas. Tão rica e poderosa era essa "cidadela de fortes alicerces" que os historiadores referem-se à Idade do Bronze grega como Era Micênica. Esta reconstrução, baseada em escavações e especulações, mostra a fortaleza em seu auge, no final do século 13 a.C. Protegidos atrás das muralhas ciclópicas, com 6 metros de espessura, viviam os nobres e seus cortesãos. Quem passasse pela Porta dos Leões veria um círculo de sepulturas, onde repousavam os governantes anteriores. Ossos carbonizados num altar indicam sacrifícios de animais, provavelmente para Zeus, Hera e outros deuses. O palácio era o centro de um império mercantil. Foram achadas oficinas com jóias, objetos de metal e até entalhes em marfim. Feitos de materiais importados, os objetos eram depois exportados, enriquecendo o cofre real.

Tróia. Controlando o Helesponto, Tróia talvez cobrasse tributos dos navios mercantes em trânsito para a Ásia. Isso lhe trouxe, além de riquezas, ferrenhos inimigos. Mas a cidade estava bem defendida. No início da década de 90, acharam-se paliçadas de madeira e um fosso com 3,2 metros de largura em torno da cidade. Talvez usado contra carros de guerra, o fosso ampliou em quase dez vezes o tamanho de Tróia – uma próspera cidade com cerca de 6 mil habitantes. Antes só se conhecia a cidadela na colina, de onde o rei homérico Príamo enfrentou o cerco dos gregos. Segundo a lenda, havia na muralha um trecho mais vulnerável, erguido por um mortal, perto das Portas Céias citadas por Homero. Foi dali que os pais de Heitor viram seu corpo ser arrastado pelo carro de guerra de Aquiles.

PAISAGEM DE MITO E HISTÓRIA

O tempo e as marés mudaram de lugar a Tróia homérica. Hoje as ruínas da cidade ficam a 5 quilômetros do estreito de Dardanelos (o Helesponto de Homero), além de um pântano e uma planície aluvial. No entanto, segundo especialistas em paleogeografia, no final da Idade do Bronze Tróia na verdade estava localizada nas proximidades de uma baía no Helesponto.

Na *Ilíada*, as "naus esguias" dos gregos aportaram no Helesponto. Porém, como as correntes e os ventos nordeste com frequência impediam a navegação no estreito, estudiosos modernos acreditam que as antigas naus encoravam na baía de Besik, 8 quilômetros a sudoeste de Tróia, à espera de ventos favoráveis. Se foi assim, entende-se por que os gregos, ao avançarem contra Tróia, cruzaram o rio Escamandro, onde "muitas armaduras e capacetes de couro tombaram nas águas lamacentas".

Para encerrar o longo cerco e a guerra, os gregos construíram um enorme cavalo de madeira, no qual ocultaram guerreiros armados de lanças, e o deixaram na praia. Depois, fingiram partir em seus navios. Na verdade, eles ficaram escondidos atrás da ilha de Tenedos, a 8 quilômetros. Iludidos, os troianos recolheram o presente – um erro que levou ao sequo da cidade.

"Podíamos ver as chamas", conta o troiano Enéias, na *Eneida*, do poeta romano Virgílio. "Por toda a cidade reinava o pânico, a agonia e a morte sob todas as suas formas."

Dominando a fértil planície de Argos, Micenas conserva a majestade. O círculo de sepulturas (à esquerda) continha enorme tesouro, sinal do poderio da cidade. Reza a lenda que aqui reinou Agamêmnon, líder dos gregos na guerra de Tróia. Talvez ele tenha contemplado a Dama de Micenas *(à direita), afresco que sobreviveu ao fim da cidade, em torno de 1200 a.C., por terremoto, guerra, fome ou colapso mercantil.*

MUSEU ARQUEOLÓGICO NACIONAL

Avançando, Agamêmnon o trespassou no rosto com afiada lança.
E nem seu capacete, de pesado bronze, conseguiu detê-la;
Mas varando capacete e ossos a lança esfacelou seu cérebro...
E ali tombou Ifidamas, em sono bronzeo, desditoso rapaz que,
Em socorro de seu povo, deixou para trás a jovem esposa.

Em meio às relíquias achadas por Schliemann nos túmulos micênicos e expostas no Museu Arqueológico Nacional, em Atenas, há um pequeno anel de ouro do século 16 a.C. Entalhada nele há uma cena de batalha em miniatura: um homem refugia-se atrás de um escudo que lhe protege todo o corpo – tal como fala Homero ao descrever o herói grego Aiax, que portava o escudo diante de si "como um muro". Graças a imagens

posteriores, sabemos que esse tipo de escudo caiu em desuso séculos depois, no século 13 a.C. Portanto, a descrição feita na *Ilíada* deve ser uma lembrança genuína dos primórdios da Era Micênica.

Da mesma forma, numa cena sombria, a *Ilíada* descreve em minúcias um capacete usado por Odisseu numa emboscada noturna – com "as presas brancas de um javali, reluzentes e bem unidas". Os arqueólogos já acharam vestígios do capacete em sepulturas micênicas, assim como imagens de guerreiros usando-o em afrescos e peças de marfim entalhado. Outros achados, como perneiras de bronze, são mencionados na *Ilíada*, assim como espadas típicas dos séculos 16 a.C. e 15 a.C.

No pequeno museu de Lamia, ajoelhei-me diante de uma vitrine para estudar um pequeno caco de cerâmica com poucos centímetros. Rabiscada na superfície há uma imagem tosca, mas sugestiva, de duas figuras lutando num navio. Descoberta há pouco em Pyrgos Livanaton, na costa leste da Grécia continental, essa é uma das várias imagens de naus micênicas.

"Até a descoberta desses fragmentos de cerâmica, achava-se que Homero descrevera navios da sua própria época, o século 8 a.C.", conta-me Fanouria Dakoronia, diretora das escavações em Pyrgos Livanaton. "Hoje sabemos que ele descreve, na verdade, navios da Idade do Bronze." O casco esguio e os numerosos remos sugerem uma veloz nau de guerra, e não as fundas e pesadas embarcações mercantis. Tanto a proa como a popa eram mais elevadas, dando aos barcos uma aparência de meia-lua. E, na *Ilíada*, o adjetivo mais comum para "nau" é *koronis*, "recurva".

OS MICÊNICOS DESCENDIAM de povos que falavam grego e chegaram à Grécia continental por volta de 1900 a.C. Com o tempo, consolidaram seus pequenos domínios em sociedades organizadas em torno de um palácio. A descoberta, por Schliemann, de elaborados objetos funerários de ouro demonstra que, já no século 16 a.C., os governantes micênicos haviam acumulado grandes tesouros. A posição da cidade, dominando o mar e o interior, deu-lhe o controle do comércio na região.

"Não podemos esquecer que, antes de tudo, os micênicos eram gregos!", disse-me Spiros Iakovidis, chefe das escavações em Micenas e autoridade mundial no assunto. "E os gregos e a navegação sempre andaram juntos", acrescentou, com um brilho bem-humorado nos olhos.

Diversos mercados estrangeiros, desde o Mediterrâneo ocidental até o Egito, procuravam os produtos de Micenas, sobretudo a cerâmica – com suas imagens pintadas de vermelho e preto brilhantes –, para uso como recipientes domésticos, de armazenamento e vasos cerimoniais. Por toda a Argólida, uma rede de estradas e pontes unia o palácio a outros centros importantes, também fortificados com muralhas monumentais.

A *Ilíada* é a narrativa de uma guerra com todos os seus devastadores detalhes. Mas também apresenta imagens pacíficas e pastoris, como se quisesse realçar a vida que os guerreiros haviam deixado para trás. O clamor do avanço do exército grego é comparado aos ruidosos bandos de "gansos, garças e cisnes de longo pescoço pelos campos da Ásia"; o grande número de guerreiros lembra os insetos "que rodeiam os estábulos dos carneiros na primavera".

Contudo, essas imagens são ocasionais, e a *Ilíada* não nos diz muito sobre o modo como, em épocas de paz, a sociedade se organizava ou sobre como as cidades eram governadas. Essas indicações encontram-se apenas nos registros arqueológicos. "Se você quiser ter uma idéia abrangente da cultura micênica, vá a Micenas e a Pilos", aconselhou-me Cynthia Shelmerdine, uma estudiosa da Idade do Bronze vinculada à Universidade do Texas, em Austin.

Enquanto Micenas se destaca por suas fortificações inexpugnáveis, Pilos se apresenta desnuda, sem muralhas defensivas, num penhasco de onde se avistam as planícies abaixo e, a distância, o mar Jônio. Toda construída de pedra calcária local de cores atenuadas, ela é um local ameno, com sinais de confortos modernos. Por exemplo, uma banheira de terracota com desenhos coloridos, ou ainda bancos lisos, no vestíbulo de uma despensa que guardava taças de argila com hastes delgadas.

Foi em Pilos, em 1939, que o arqueólogo americano Carl Blegen fez uma das mais importantes descobertas relativas à Idade do Bronze: a primeira das cerca de 1.2 mil tábulas com uma escrita misteriosa batizada de Linear B. As tábulas foram preservadas por acaso, pois haviam sido cozidas nas chamas de um incêndio que destruiu o palácio por volta de 1200 a.C. Durante anos a escrita Linear B permaneceu indecifrada, deixando perplexos os estudiosos. Em 1952, porém, Michael Ventris, um jovem e brilhante arquiteto britânico, anunciou que conseguira afinal decifrar as tábulas. Segundo ele, o idioma em questão era uma versão rudimentar do grego. Antes ninguém sabia que língua falavam os micênicos.

O decifamento despertou enorme expectativa. O que revelariam as tábulas? Fragmentos de poesia épica, talvez, escritos nos hexâmetros característicos da *Ilíada*? Tais esperanças caíram por terra com a revelação

FOTOS DO MUSEU ARQUEOLÓGICO NACIONAL

TESOUROS DE MICENAS, "RICA EM OURO"

Metal precioso para uma máscara mortuária. Vaso para vinho em forma de cabeça de leão. Mortalha de ouro para uma criança. Tudo isto foi achado no círculo de sepulturas de Micenas, exumado em 1876 por Heinrich Schliemann, que já escavara Tróia. Seis sepulturas guardavam os despojos de 19 nobres micênicos do início do século 16 a.C. Sem saber que as sepulturas eram bem anteriores à Guerra de Tróia, Schliemann anunciou ter encontrado os restos de Agamêmnon. Estes e outros objetos de ouro, prata e marfim comprovam que Micenas era a cidade mais proeminente na Grécia da Idade do Bronze.

de que continham apenas inventários de estoques: listas com quantidades de azeitonas, vinho, rodas de carroças, tripodes, carneiros, cavalos, bois (com o nome das raças, como castanho e malhado), trigo, cevada condimentos. E ainda terrenos arados e impostos recolhidos.

"Mesmo assim, é surpreendente o quanto essas listas nos revelam", comenta John Chadwick, da Universidade de Cambridge e colega de Ventris. Tive a oportunidade de visitar Chadwick, renomado estudioso da história de Micenas, pouco antes da sua morte, em fins de 1998

"Essas tábulas nos proporcionam uma espécie de instantâneo da situação do palácio no último ano de sua existência – talvez até nos últimos meses, explica Chadwick. Tábulas achadas em outros sítios arqueológicos confirmaram que os inventários em Linear B eram característicos da economia palaciana de Micenas, com seus complexos sistemas de comércio, indústria e tributação. Cada região sujeita ao domínio de Pilos pagava impostos ao palácio sob a forma de couro de boi, porcos cevados, tecidos de linho e de lã. Listas de operários que trabalhavam com bronze e de recipientes para óleo perfumado atestam a existência de indústrias de bronze e de perfume

AS ESCAVAÇÕES EM PILOS também revelam outro fundamento da vida em tempos de paz: as práticas religiosas rotineiras. Nas tábulas em Linear B há nomes de deuses bem conhecidos da *Ilíada*: Zeus, Hera, Atena, Posídon, Hermes e talvez Apolo, sob o nome de Paieon, como o chamava Homero. Mas também são mencionadas divindades desconhecidas. Outras que esperaríamos encontrar estão ausentes, como Afrodite, deusa do amor e do prazer.

As oferendas de sacrifícios animais e as libações com líquidos preciosos são a forma mais comum de adoração aos deuses encontrada na *Ilíada* Eram maneiras diretas e práticas de convencer os poderes mais elevados a atender às preces dos fiéis. E as tábulas de Pilos mencionam tributos de bois, cabras, carneiros, porcos, trigo, vinho e óleo perfumado – esses eram os presentes que se davam aos deuses.

Quanto às crenças dos micênicos em relação à vida após a morte, nada sabemos. Os arqueólogos já descobriram uma centena de *tholoi* túmulos em forma de domo –, assim como incontáveis câmaras funerárias em encostas de montanhas. Estas eram em geral sepulturas mais simples, destinadas aos menos abastados. Os sepulcros costumavam servir a vários membros da família. Para tanto, os mortos mais antigos eram deslocados para dar lugar aos mais recentes. Objetos pessoais e íntimos acompanham o corpo – brinquedos, mamadeiras, pentes joias, armas, ferramentas –, talvez como lembranças sentimentais

Um desses objetos funerários revela uma correspondência intrigante entre a arqueologia micênica e o poema homérico. No Museu Arqueológico Nacional, em Atenas, contemplei uma delicada balança dourada, de um tipo que os arqueólogos já desenterraram em tumulos micênicos. A balança me fez lembrar da cena inesquecível que precede a morte de Heitor nas mãos de Aquiles.

Cenho franzido revela a dor física dos primeiros líderes de Micenas (acima), cujos ossos mostram sinais de artrite. A reconstrução facial dos crânios, de cerca de 1600 a.C., foi feita por cientistas da Universidade de Manchester, Inglaterra. Mais tarde os micênicos passaram a [illegible] enterrados em câmaras [illegible] como o que abrigou [illegible] Micenas (à direita), de [illegible]

Com os olhos no presente, Havva Guler, do povoado turco de Kumburun, junto à planície troiana, diz que desconhece a história da queda de Tróia. Para as troianas, essa derrota trouxe, com certeza, escravidão, luto e dor. O dramaturgo Eurípides expressou o lamento das troianas: "Multidões de filhos nossos se agarram aos portões... Uma jovem chora: 'Oh, minha mãe, os aqueus me levam embora, sozinha, do teu olhar para a negra nau"

Zeus, o pai dos deuses, equilibra os dois pratos de sua balança de ouro
Após colocar em cada prato uma morte fatídica – a de Aquiles e a de Heitor, domador de cavalos – e segurar a balança pelo meio, viu que um dos pratos pendia, bem mais pesado que o outro: o da morte de Heitor

A *Ilíada* reconhece que a guerra destrói muito mais do que a vida dos guerreiros. Sua preocupação é com o destino coletivo das cidades, e também com os não-combatentes. Nas tábulas de Pilos, ao lado de outras mercadorias há listas de grupos de escravas, classificadas segundo suas tarefas – moer o trigo, fiar a lã, despejar água para os banhos. Outras eram descritas segundo o lugar de origem: "mulheres de Cnido", "mulheres de Mileto", "mulheres da Ásia". Essas listas fazem lembrar outra cena da *Ilíada*, em que Heitor dirige-se à sua esposa, Andrômaca, em prantos, dizendo-lhe que seu próprio destino não lhe pesa tanto como

pensar dolorosamente em ti, imaginar que algum aqueu, de armadura de bronze, irá levar-te embora, roubando teus dias de liberdade: em Argos, aos prantos, tu fiarás no tear de outro.

EMBORA GREGA, a epopéia demonstra notável simpatia não só por Heitor e Andrômaca, como por todos os troianos. Poucas histórias de ação e aventura – pois esse é o caráter básico da *Ilíada* – ousariam apagar a linha divisória entre os personagens bons e os maus, entre os heróis e seus adversários. Mas, em última análise, como o tema da *Ilíada* são as grandes verdades universais – a lástima pela morte, o terror diante da condição de mortal –, o poema não se prende aos acidentes da nacionalidade. Assim, apresenta Aquiles e Heitor como homens dignos, ambos com muitos motivos para viver. Mesmo assim, a narrativa avança inexorável, rumo ao acerto de contas final que custará a vida de ambos. É impossível ler a *Ilíada* grega e não se preocupar com o destino da cidade troiana.

Hoje ainda restam ruínas das muralhas de Tróia no local onde Homero situou a cidade, nas proximidades do estreito de Dardanelos, com vista para uma planície atravessada pelos dois rios de que fala a *Ilíada* – o Simoente e o Escamandro. Ao chegar à cidade derrotada, percorri a curva suave das altas muralhas inclinadas de Tróia VI – um dos dois níveis já escavados que correspondem ao crucial "nível homérico", ou seja, o século 13 a.C. Felizmente programei a visita para o final da tarde, quando o sol poente cobria de dourado as muralhas e incendiava Dardanelos, chamado por Homero de Helesponto.

Pelos padrões modernos, as escavações feitas por Schliemann em Tróia foram impacientes e descuidadas. Cavando até o leito rochoso, onde estava certo de encontrar a Ílio homérica, ele destruiu as camadas históricas intermediárias. Hoje, uma equipe internacional, dirigida por Manfred Korfmann, da Universidade de Tübingen, em parceria com a Universidade de Cincinnati, está escavando de novo todo o sítio. O objeto das pesquisas não é apenas Hisarlik, a colina onde estão as ruínas de Tróia, mas também a área litorânea e a planície circundante. Foi ali, segundo a *Ilíada*, que os gregos aportaram suas naus recurvas; ali travou-se a guerra. Os nove níveis de Tróia abrangem um período que vai desde 3000 a.C. até a cidade romana de Nova Ilium, do início do século 6 d.C.

Segundo uma tradição grega, os troianos descendiam do herói Teucro, que saíra de Creta em busca de um lugar para se estabelecer. Porém, é provável que os troianos históricos fossem luvitas, um povo da Anatólia que se tornou vassalo dos hititas. Ossos de animais revelam que criavam

gado bovino, carneiros, porcos e cavalos, enquanto sementes carbonizadas indicam o cultivo de cevada em vales pantanosos. A cidade tinha uma próspera indústria da lã e comerciava com toda a Ásia Central, importando estanho do Afeganistão e cavalos das estepes além do mar Negro. Não sabemos se houve de fato uma guerra entre Tróia e Micenas, mas sem dúvida havia vínculos comerciais entre as cidades, pois em Tróia foram achados objetos de cerâmica micênica datando de 1500 a.C.

No passado os visitantes de Tróia ficavam chocados com as dimensões reduzidas do sítio arqueológico. Como um local tão insignificante se transformou numa lenda tão duradoura? Conduzindo-me, porém, através de plantações de algodão e campos relvados, muito além da cidadela de Schliemann, Korfmann indicou me uma linha de trincheiras que constituem uma das descobertas mais importantes da equipe: as defesas externas de toda uma cidade que ficava aos pés da cidadela. Ali foram achados vestígios de um fosso circundante, com cerca de 3,5 metros de largura e 2,5 metros de profundidade. Situado 400 metros além dos muros da cidadela, ele aumenta assim a área conhecida de Tróia VI em até 200 mil metros quadrados. Com esse novo contorno, a cidade é quase dez vezes maior do que a cidadela de Schliemann, e poderia abrigar uma população de pelo menos 6 mil habitantes.

"Há documentos hititas que se referem a Taruisa", diz Korfmann, lembrando que a cidade foi identificada com Tróia por alguns estudiosos. "A palavra *tara* talvez signifique 'feito de madeira' no idioma luvita. Talvez o nome da cidade seja uma referência às casas de madeira da cidade baixa."

Uma cena de vingança e sacrifício adorna um sarcófago do século 6 a.C., na Turquia, confirmando a atração dos temas troianos sobre os artistas antigos. Aqui, Neoptolemo, filho de Aquiles, desfere um golpe em Polixena, filha do rei de Tróia. Segundo Virgílio, "a filha virgem de Priamo... não conheceu cativeiro nem leito de conquistador".

Contudo, a *Ilíada* refere-se apenas às "muralhas bem construídas" de Tróia, feitas de pedra, tais como as descobertas por Schliemann na própria cidadela. Essas muralhas, assim como os danos que sofreram, proporcionam aos arqueólogos os indícios mais confiáveis quanto ao destino da cidade. Rachaduras e marcas de fogo revelam que, por volta de 1250 a.C, um terremoto destruiu Tróia VI, a mais provável cidade homérica. Logo depois, as mesmas pessoas que fugiram do terremoto retornaram ao local e construíram outro assentamento, Tróia VII. Vestígios de casas pequenas e atulhadas de moradores indicam que uma população maior que a anterior buscou abrigo no interior das muralhas. Jarros para armazenamento, bem enterrados e abastecidos, sugerem, para alguns, preparativos para um cerco. Muros chamuscados indicam que, cerca de 70 anos depois, um violento incêndio destruiu esse povoado. Seria essa Tróia, enfraquecida pelo terremoto, a que foi saqueada por invasores gregos? Ou será que estes atacaram Tróia VI, sem destruí-la, após um grande desastre natural? Ou será, ainda, que a queda de Tróia não teve nenhuma relação com a narrativa homérica?

"Não estamos mais interessados em provar se a Guerra de Tróia ocorreu ou não", disse-me Korfmann. Mesmo assim, ele tem uma teoria bastante convincente. "Fustigada pelos ventos" – é assim que a *Ilíada* descreve Tróia. E, de fato, desde a Antiguidade até hoje, um forte vento nordeste sopra até o centro da cidade, vindo do estreito de Dardanelos. Os navios da Idade do Bronze não tinham a quilha muito funda, o que lhes dificultava navegar contra o vento. Assim, os navios mercantes que buscavam o lucrativo comércio ao norte de Dardanelos eram forçados a aportar em Tróia – onde seriam alvos fáceis dos coletores de impostos – enquanto esperavam por uma brisa favorável.

"Sabemos, graças a textos posteriores, que os ocupantes da região cobravam tributos dos navios que ali chegavam", diz Korfmann. Na baía de Besik, uma pequena enseada nas redondezas, sua equipe descobriu túmulos que refletem diferentes influências culturais. Talvez ali tenha sido o porto final das desafortunadas tripulações de navios à espera de ventos favoráveis. Na encruzilhada do comércio entre o Oriente e o Ocidente, entre a Europa e a Ásia, Tróia talvez tenha enriquecido com a coleta de tributos – e constituído um obstáculo para os ambiciosos micênicos.

"Mesmo que não tenha havido uma grande Guerra de Troia, é possível que Tróia tenha se envolvido em várias escaramuças por motivos comerciais", diz Korfmann.

Tenham ou não participado da destruição de Troia, os micênicos não sobreviveram por muito tempo à queda da cidade. Qual o motivo do colapso de sua civilização, aparentemente tão próspera? Essa é uma das questões mais intrigantes na história da Idade do Bronze. Pilos, Micenas, Tirinto, Midéia – quase todos os grandes palácios decaíram por volta de 1200 a.C. Alguns estudiosos atribuem esse declínio a desastres naturais, como o terremoto que destruiu Tróia VI, ou a mudanças climáticas. Outros sugerem que a economia de Micenas, muito centralizada e burocrática, cresceu demais e cedeu sob o próprio peso. A ruína dos palácios ocorreu na mesma época do colapso de várias cidades em toda a região do Egeu e do Mediterrâneo Oriental. Embora não haja indícios arqueológicos de uma invasão estrangeira, talvez uma mudança revolucionária nas táticas de guerra tenha conferido uma vantagem a invasores bárbaros. Para a maioria dos estudiosos, o declínio arrastou-se por um largo período, com um lento decréscimo da população.

O professor Iakovidis, responsável pelas escavações em Micenas, explicou-me que o comércio era a chave da prosperidade da cidade.

Escudos de papel e sorrisos são as [illegible] entre jovens "gregos" [illegible] de Troia numa escola em Birmingham, na Inglaterra. [illegible] eu era troiana", diz Lara Owen, no centro. "Os gregos [illegible] eu queria derrotá-los, mas sabia que no fim todas íamos morrer." Ela sabia porque a Ilíada vem sendo ensinada desde a Antiguidade e inspirou outras obras-primas da literatura. Mas poucos escreveram sobre o "clamor desumano" da guerra com tanta veemência como Homero.

E, a seu ver, também a causa do seu declínio. Com o fim do Império Hitita e a pilhagem das grandes cidades do Oriente, desarticulou-se a intrincada rede mercantil que durante séculos fora a base da economia do mar Egeu. Privados de suas fontes de renda, os palácios micênicos ficaram sem condições de comerciar e sem meios para manter sua burocracia.

A derrocada do mundo micênico marcou o início de um período de vários séculos conhecido como a Idade das Trevas grega. Foi uma época de redução demográfica, pobreza e declínio cultural. Todas as artes refinadas daquela civilização se perderam – a arquitetura monumental, a pintura, o trabalho em metal, a escrita. Contudo, foi esse período de aparente vácuo cultural que transmitiu duas das maiores obras-primas

literárias: a *Ilíada* e a *Odisséia*. E, se é verdade que a *Ilíada* traz as marcas de suas raízes micênicas, foram os poetas anônimos da Idade das Trevas que, séculos depois dos acontecimentos, preservaram a epopéia.

Não é difícil imaginar que, ao longo do século 11 a.C., viajantes originários das cidades micênicas destruídas difundissem suas tradições narrativas. Sucessivas gerações de contadores de histórias talvez tenham transformado uma escaramuça comercial ocorrida na Anatólia, ou em outro lugar, num épico confronto entre a Tróia asiática e uma força grega.

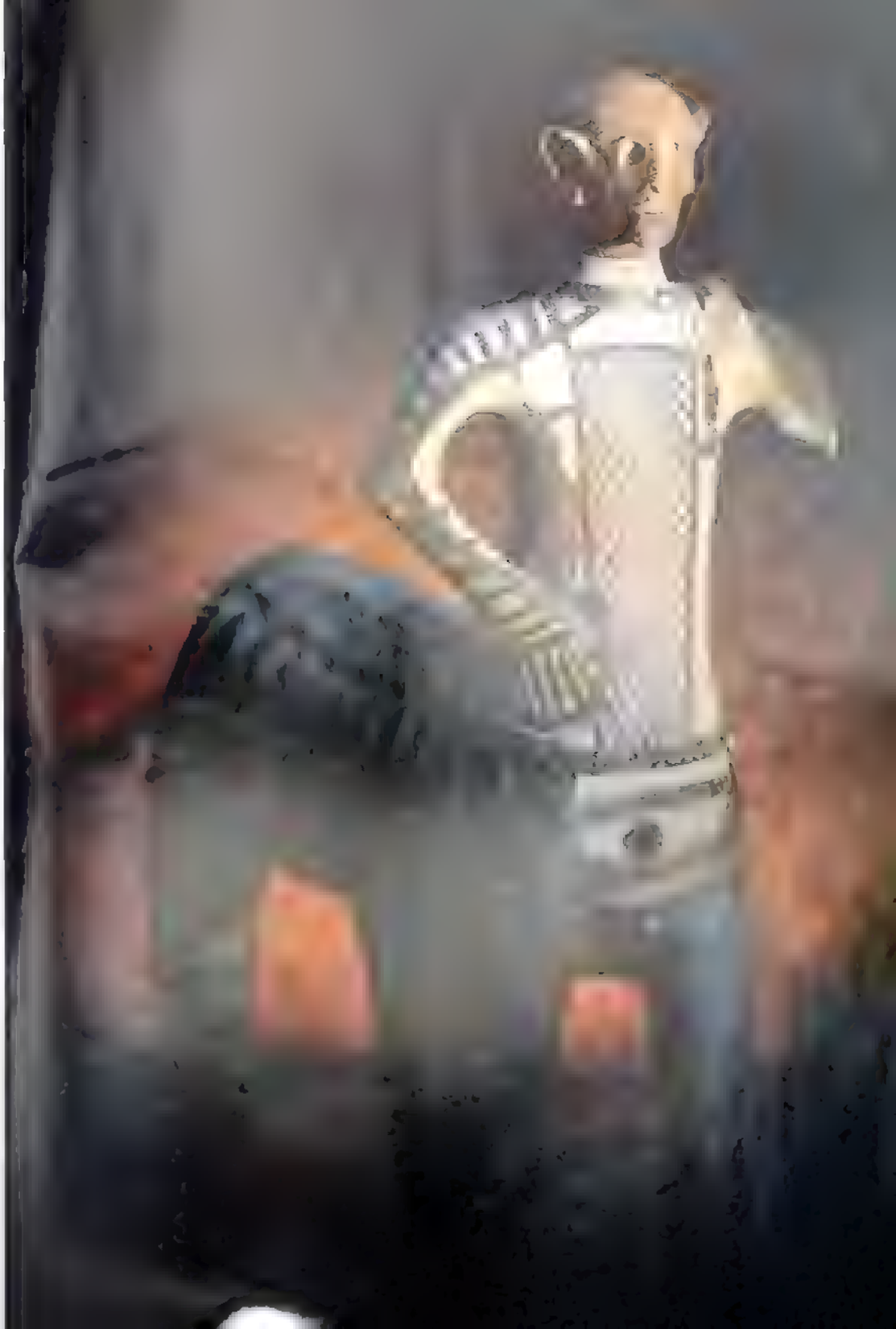
O final do século 8 a.C. revelou uma paisagem humana renovada. Por toda parte as populações voltavam a crescer. Povoações isoladas davam lugar a pequenas cidades-estado. O comércio recobrou sua vitalidade e a colonização ultramarina estava em pleno florescimento. Acima de tudo, a nova era revelou os poemas épicos atribuídos a Homero.

A *Ilíada* não termina com a vitória de Aquiles sobre Heitor. A cena [illegible] mostra Aquiles chorando pela morte de Pátroclo, pelo seu idoso pai [illegible] morrer, por Príamo, o pai de Heitor, e por si mesmo. Do outro [illegible] do Dardanelos fica Galipoli, o campo de batalha onde dezenas [illegible] de jovens perderam a vida na Primeira Guerra e de onde [illegible] avista a planície de Tróia. Mais para o interior, os cemitérios contêm fileiras de túmulos. Repetidas vezes na *Ilíada*, os heróis falam de [illegible] desejo de glória, da esperança de que seus nomes sejam lembrados.

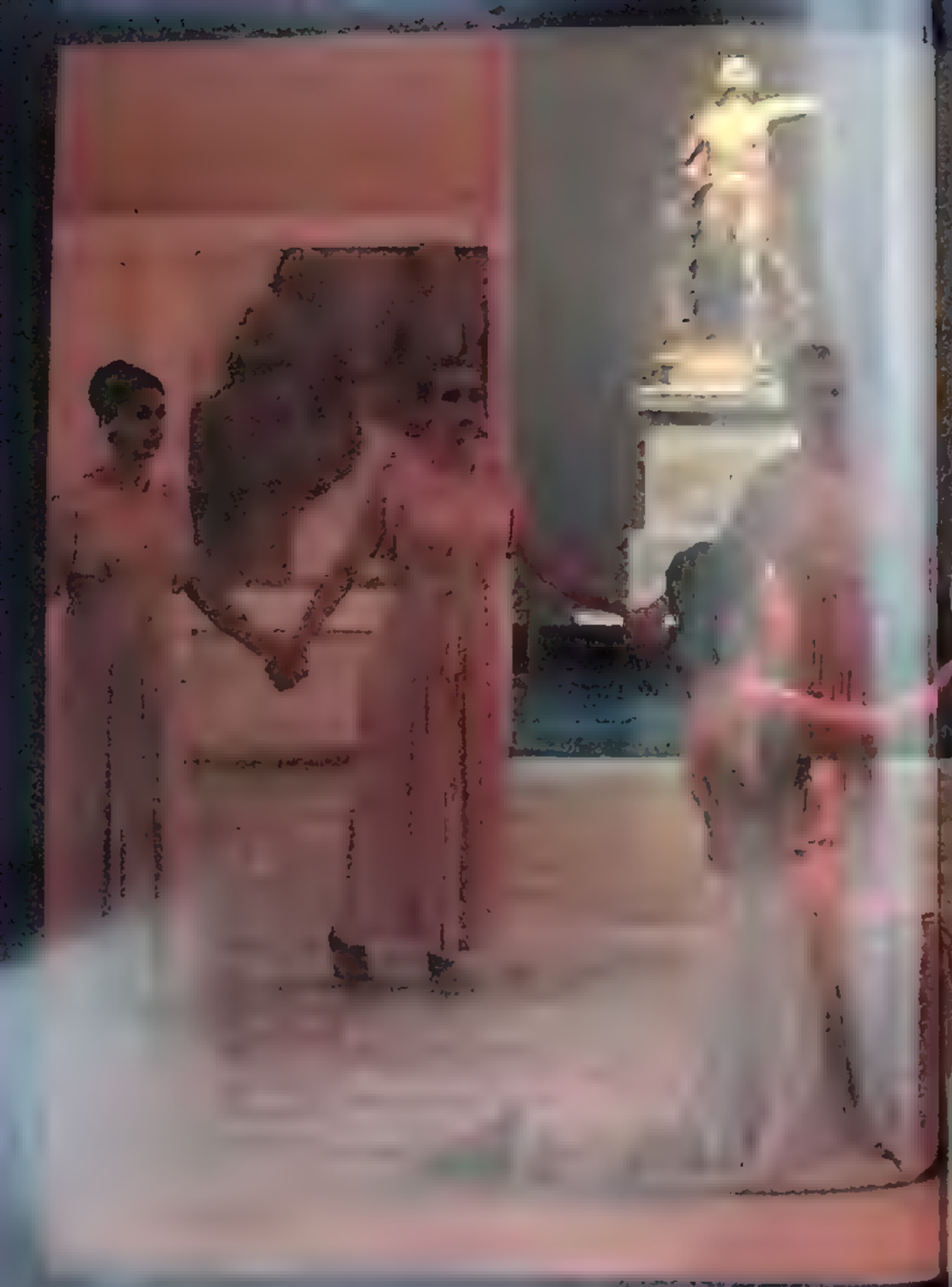
Pelo menos que eu não morra sem luta, [illegible]
Antes de fazer algo grandioso, conh[illegible]
Assim falou Heitor, antes do confronto final com [illegible]

"Seus nomes vivem para toda a eternidade", dizem as lápides em Galipoli. "Sua glória não se apagará." □

Uma força primitiva emana do Centauro de Lefkandi *(à direita) feito durante o período que se seguiu ao colapso dos centros micênicos, por volta de 1200 até 1100 a.C. Nessa Idade das Trevas cessaram a escrita e as artes. O estudo da cerâmica revela que só no século 8 a.C. a Grécia começaria a se recuperar. O vaso funerário (à esquerda) mostra intrincados padrões geométricos e figuras estilizadas assinalando [illegible] da inovação artística [illegible]*



CAMINHO
GLORIA



...personifica...
...va em festiva...

...jogos helênicos, como os Jogos Olímpicos. Desde o primeiro registro, em 776 a.C., até hoje...
...a competição se inicia em Olímpia. "É emocionante", diz Maria Pambouki (acima), com...
...cerimônia inaugural. "Sinto-me ligada com o passado, o presente e o futuro."

Para chegar ao topo do monte Lykaion, de formato cônico, era preciso seguir por um caminho espetacular, e assustador, que ziguezagueava à beira de penhascos. Lá no alto, o vento açoitava as flores e as pequenas borboletas, trazendo o aroma do tomilho silvestre. Em todas as direções via-se um grandioso panorama – montanhas azuis-esverdeadas, com fileiras de outras montanhas atrás. Senti uma incômoda proximidade com o céu – talvez não muito amistoso.

Adornado com uma camada de ouro, um soldado hoje anônimo recebeu um funeral de elite, perto da antiga Sindos. O clangor das espadas e lanças soava por toda a Grécia, pois a rivalidade entre as cidades levava a guerras frequentes. "Para um homem de bem, é nobre morrer lutando pela pátria", disse o poeta espartano Tirteu. "Faça da vida tua inimiga, e que os espíritos da morte te sejam tão caros como os raios do sol."

Aos meus pés, na encosta relvada, ficavam os domínios de Zeus, um lugar sagrado, no qual ninguém podia entrar, sob pena de morrer. Na Antiguidade acreditava-se que, nesse local, nem os homens nem os animais projetavam sombra. Segundo as fontes antigas, outrora procissões de fiéis subiam essa montanha à noite para sacrificar um ser humano ao deus. No banquete ritual, aquele que por acaso comesse carne humana misturada à dos animais sacrificados virava lobisomem – talvez como sinal de que não era mais humano: o nome do monte, Likaion, significa "lobo".

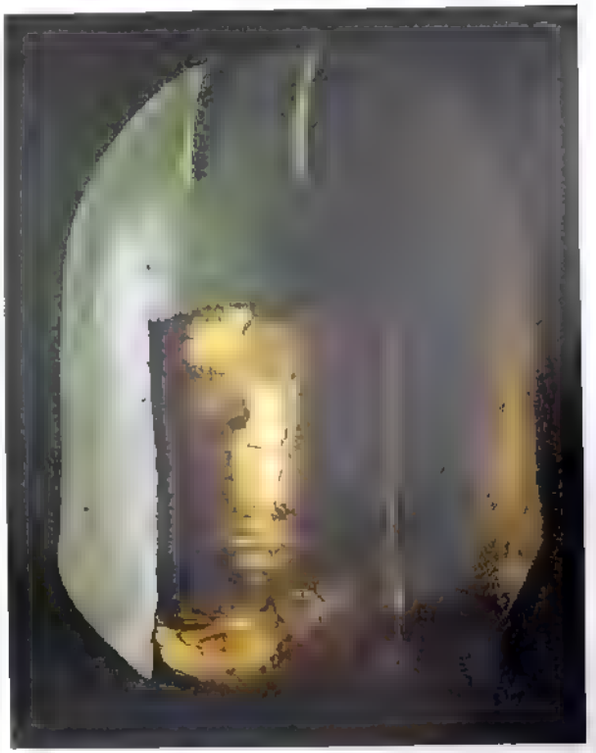
Esses rituais enigmáticos não eram celebrados por um povo inculto, numa região esquecida, mas no próprio centro da Grécia, durante a chamada Idade de Ouro. E não se tratava de adeptos de um culto excêntrico: eram cidadãos respeitáveis prestando homenagem a Zeus, o rei dos deuses. À sua maneira, esses ritos não eram mais bizarros do que muitos outros que faziam parte da cultura da época. Por exemplo, nas Tesmofórias atenienses, em homenagem à deusa Demeter, as mulheres iam buscar as carcaças putrefatas de leitões que, meses antes, haviam sido jogados em fossas profundas. Ou, ainda, nos rituais da deusa Artemis, em Brauron, onde figuravam meninas travestidas de ursos.

Tal como todos os períodos históricos, a Era Clássica da Grécia – que vai de cerca de 500 a.C. até a morte de Alexandre em 323 a.C. – foi uma época complexa e contraditória, uma rica mistura de superstição e racionalidade, conceitos revolucionários e tradições seculares. A Grécia clássica é considerada, com razão, um dos pontos altos da civilização. Porém, ao contrário do que pensam muitos, as pessoas de carne e osso que produziram essa cultura não se ocupavam apenas com a feitura de obras-primas para enfeitar os museus e as bibliotecas do futuro. Como grande parte da cultura ocidental tem raízes na Grécia clássica, não é difícil esquecermos o contexto vivo em que surgiu todo esse legado. Costumamos nos concentrar no que conhecemos e deixamos de lado aquilo que nos parece estranho e até repugnante.

As grandes obras-primas da Grécia antiga são uma preciosa herança, mas será que, em nossa moderna civilização, alguém consegue compreender o contexto em que foram produzidas? Como podemos, no século 21, imaginar as bruxarias da feiticeira Medéia? Ou a magia presente nos sacrifícios de animais? Ou em objetos usados para evocar os espíritos das trevas e prejudicar os inimigos? Contudo, essas práticas e crenças, tanto quanto o famoso espírito democrático e os cânones da beleza, eram parte integrante da antiga Grécia. Para os especialistas, nada disso é novidade, mas o leigo talvez fique chocado com esses aspectos menos conhecidos. Também pouco familiares são os séculos anteriores que prepararam essa Idade do Ouro. Por isso decidi que, ao visitar a Grécia, tentaria percorrer

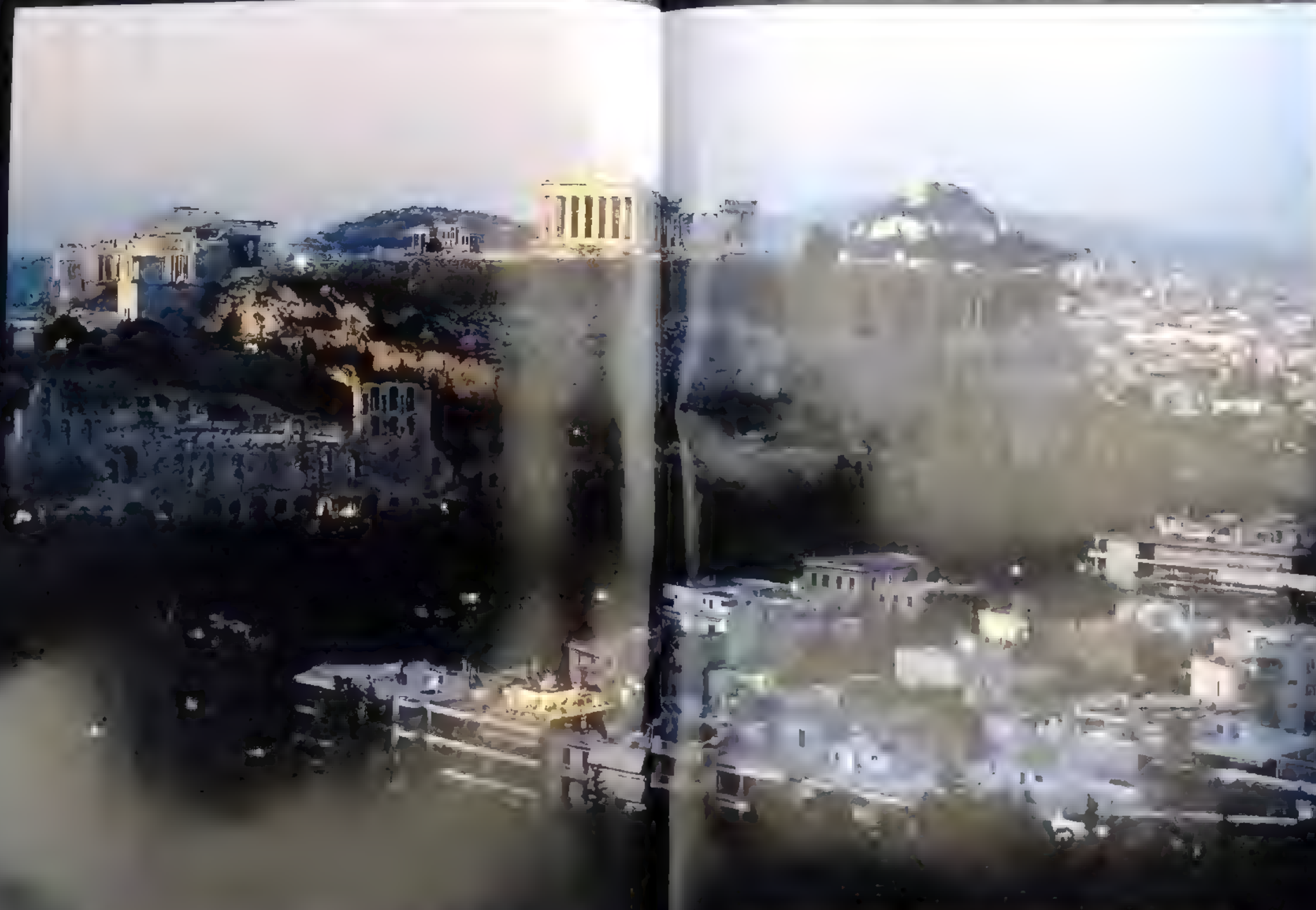
todas essas épocas. Prestaria homenagem não só ao Partenon, mas também aos bonecos "vi lu" no museu Kerameikos, em Atenas.

Na ilha de Eubeia, ao norte de Atenas, um insuflado sítio arqu[illegible] demonstra que a Idade de Ouro não surgiu de repente, pronta e perfeita. Sua gestação durou séculos, desde o fim da Idade do Bronze micênica por volta de 1100 a.C. Numa colina dando para o mar, perto da vila d. Lefkandi, descobriu-se por acaso, durante a construção de uma cas[illegible] uma sepultura do século 10 a.C. Os vestígios revelar[illegible] cerimônia de enterro e cremação e mostram impressionante[illegible] com os funerais dos antigos heróis, conforme descritos na *Ilíada*[illegible] dos ossos do morto, cuidadosamente envoltos em tecido e guardados em uma urna de bronze, herança de família, também foram achados indícios de uma enorme construção, com cerca de 50 metros, que outrora recobria o local dos sepultamentos.



Essas descobertas datam da época chamada de Idade das Trevas, os cerca de três séculos e meio subseqüentes ao colapso do mundo micênico. Os achados de Lefkandi fazem lembrar que, por mais "tenebroso" que nos pareça essa época, a vida normal seguiu seu curso. Foi nesse período que as obras-primas de Homero, a *Ilíada* e a *Odisséia*, foram transmitidas oralmente por poetas itinerantes. Em toda a Grécia, produzia-se uma cerâmica característica, com desenhos geométricos e, como mostra o sítio de Lefkandi, a população construía estruturas de vulto e por vezes dava aos seus mortos um funeral digno de heróis. Assim como a urna de bronze, dois séculos mais antiga do que os ossos que continha, as idéias – isto é, a cultura – eram passadas de uma geração a outra.

"Quanto à organização política na Idade das Trevas, só podemos fazer suposições a partir do que surge no período seguinte", disse-me Anthony Snodgrass, uma das principais autoridades no assunto, em seu gabinete na Universidade de Cambridge. Em meados do século 8 a.C., registrou-se um surto de atividades na maioria das áreas da vida – uma explosão incentivada pelo novo panorama político. Em vez de viver em povoados rurais, ou à sombra de reis e nobres, as populações começaram a se aglutinar em centros urbanos, cada qual com seu sistema de governo e, sobretudo, com identidade própria. Cada cidade-estado (*pólis*, em grego), incluindo o território circundante, tinha sua própria Constituição. A *pólis* mais conhecida é Atenas, mas em todo o mundo grego, seja em ilhas, seja nos vales ou em cidadelas montanhosas, as pessoas deviam lealdade às suas cidades. Entre estas, a competição era acirrada, na guerra e na paz. Nos Jogos Olímpicos, um atleta não representava uma nação, e sim uma *pólis*.



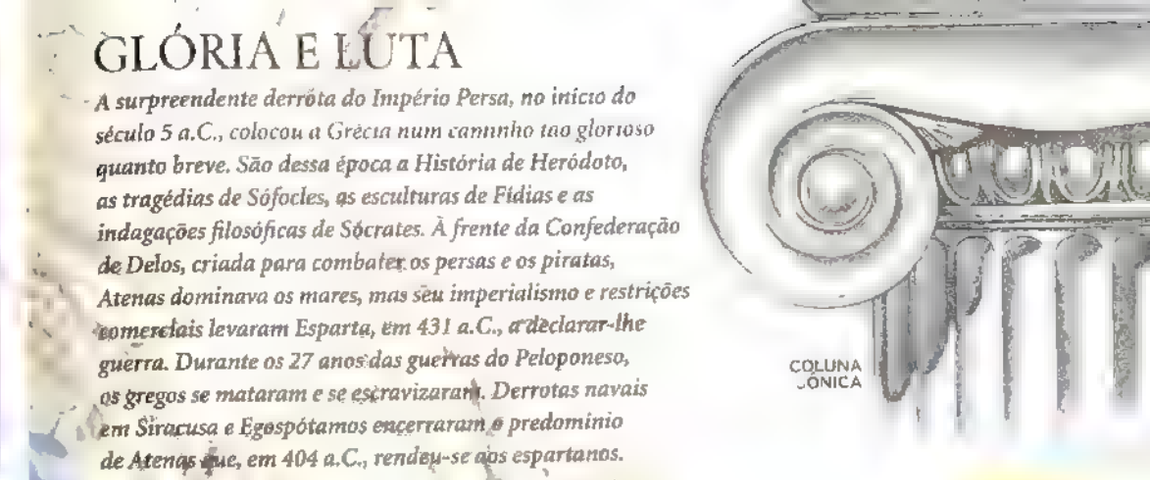
[illegible] despeito dos [illegible] [illegible] edificação Atenas Péricles [illegible]

pelo líder ateniense Péricles, o Partenon celebra a vitória dos gregos sobre a Pérsia em 480 a.C., no início do fabuloso Período Clássico, época do auge de Atenas. Confiante no futuro, Péricles proclamou: "Somos objeto da admiração da época atual e das épocas vindouras."

GLÓRIA E LUTA

A surpreendente derrota do Império Persa, no início do século 5 a.C., colocou a Grécia num caminho tão glorioso quanto breve. São dessa época a História de Heródoto, as tragédias de Sófocles, as esculturas de Fídias e as indagações filosóficas de Sócrates. À frente da Confederação de Delos, criada para combater os persas e os piratas, Atenas dominava os mares, mas seu imperialismo e restrições comerciais levaram Esparta, em 431 a.C., a declarar-lhe guerra. Durante os 27 anos das guerras do Peloponeso, os gregos se mataram e se escravizaram. Derrotas navais em Siracusa e Egospótamos encerraram o predomínio de Atenas que, em 404 a.C., rendeu-se aos espartanos.

A Era Arcaica foi uma época de imensa vitalidade. Cresceu a população, o comércio prosperou e surgiram cidades-estado independentes, cada qual com suas próprias leis, seus costumes e forma de governo. Muitas delas fundaram colônias para atender à demanda por terras e estimular o comércio. Por meio das colônias, a cultura grega difundiu-se pelo mundo.



Em 490 a.C. os gregos derrotaram o exército invasor persa na batalha de Maratona. Depois disso, muitas cidades-estado gregas se uniram contra os "bárbaros". Em 480 a.C. a Pérsia voltou a atacar, mas as vitórias gregas em Salamina, Platéia e Micale detiveram seu avanço, trazendo aos gregos um sentimento de invencibilidade.

MAR MEDITERRÂNEO

A participação ativa dos moradores nos assuntos da cidade resultou em cidadãos aguerridos, convictos de suas opiniões – uma das grandes forças da antiga Hélade, como a Grécia era conhecida. O crescimento da atividade comercial na região do Mediterrâneo significava novas oportunidades, tanto para o homem comum empreendedor como para o aristocrata, possibilitando assim o surgimento de uma classe média. E a necessidade de terras ou matérias-primas impulsionava os cidadãos de uma mesma *pólis* a emigrar e fundar colônias em outras partes.

A ILHA DE SAMOS é montanhosa e recoberta de bosques. A pouca distância da estrada litorânea, em direção ao seu interior, há uma bela e misteriosa região de florestas, conhecida como Paraíso. Quando a visitei no final do verão, o canto das cigarras, agudo e rítmico, fazia o ar reverberar e crepitar, como se a atmosfera estivesse carregada de eletricidade. A ilha, localizada no extremo leste do mar Egeu, a apenas 1 ou 2 horas de distância da Turquia, é um lembrete eloqüente de que o "milagre grego" não ocorreu apenas na Era Clássica, nem só em Atenas. A era pré-clássica, mais conhecida como Era Arcaica, vai desde o final da Idade das Trevas, por volta de 750 a.C., até cerca de 500 a.C. É um período que muitos consideram tão rico e significativo como a Era Clássica mais famosa. No final da Era Arcaica, Samos estava no auge da prosperidade e da inovação, graças à sua poderosa marinha e à liderança de um hábil governante, o tirano Polícrates.

"Dediquei mais atenção ao povo de Samos porque três das maiores obras de toda a Grécia foram feitas por eles", declara Heródoto em sua *História*, escrita em meados do século 5 a.C. Uma dessas obras, um túnel de mil metros escavado na montanha para transportar água, é um dos feitos de engenharia mais notáveis da Antiguidade. Hoje, iluminado com luz elétrica para receber visitantes, corre em dois níveis no leito de pedra úmida. Construído sob a direção de Eupalinos de Megara, é uma proeza técnica, do tipo associado aos romanos e não aos gregos pré-clássicos.

Mas fui a Samos sobretudo para apreciar uma obra-prima da técnica muito diversa: uma estátua. E agora, no museu arqueológico da ilha, eu contemplava, boquiaberta, o pai de todos os *kouroi* – um gigante de 5 metros esculpido em mármore de veios escuros.

Conhecemos centenas dessas estátuas de *kouros* e *kore* (ou seja, "rapaz" e "moça"), feitas de pedra (ou, muito raramente, de bronze), e elas vieram a simbolizar a Era Arcaica. Com postura rígida e modo de andar estilizado, fazem pensar nas figuras egípcias, mas a beleza suave e o sorriso enigmático são inconfundíveis. Vívidos, transbordantes de frescor e otimismo, os *kouroi* são a própria essência da juventude – ou talvez, da vigorosa era para a qual foram esculpidos.

"Eles revelam influência egípcia", diz Martin Kreeb, arqueólogo do Instituto Arqueológico Alemão em Atenas. "Na época anterior não havia escultura monumental, só bronzes pequenos. O *kouros* já chega inteiramente desenvolvido." Em Samos, o escultor anônimo sentira-se livre para ousar e produzir uma estátua colossal. Essa liberdade é típica da época, como se o novo clima político favorável à expressão individual tivesse penetrado na arte e na literatura. E é nesse período que os poetas entram em cena e passam a falar com uma voz distinta, individualizada.

"Sou duas coisas", escreveu o poeta-soldado Arquíloco de Paros em meados do século 7 a.C. "Sou um combatente que segue o Mestre das

Com uma lira de casco de tartaruga e uma libação de vinho, um Apolo juvenil apoia numa taça (à direita) decerto usada para tomar vinho. Deus do oráculo da música e da luz, Apolo era um dentre os muitos deuses que acreditava-se, a tudo supervisionavam, dos rebanhos à fertilidade. Antes de fundar uma

[illegible] o enfeitado, um touro é [illegible] para o sacrifício [illegible] do e comido na [illegible]

de São Charalambos. Diz-se que, há cerca de 200 anos, este santo salvou um agricultor local das balas de um bandido. Em agradecimento, a população sai às ruas para quatro dias de danças, bebidas e corridas de cavalo – uma comemoração digna dos deuses.

Batalhas, e um homem que compreende o dom do amor das Musas."

Ao contrário de Homero, o grande mestre da Idade das Trevas do qual nada se sabe, os poetas da Era Arcaica cantam suas paixões e caprichos, seus amores e desamores, em versos líricos intensamente pessoais. Safo, poetisa da ilha de Lesbos que floresceu no início do século 6 a.C., descreve seu intenso ciume ao ver um homem conversar com a mulher que ela ama:

Contemplo como o igual dos próprios deuses / esse homem que sentado à tua frente / escuta assim de perto quando falas / com tal doçura, / e ris cheia de graça. Mal te vejo / o coração se agita no meu peito, / do fundo da garganta já não sai / a minha voz, / a língua como que se parte, corre / um tênue fogo sob a minha pele, / os olhos deixam de enxergar, os meus / ouvidos zumbem, / e banho-me de suor, e tremo toda

Também no século 8 a.C. aparecem pela primeira vez peças de cerâmica assinadas. As frases – "Ergotimos me fez", "Kleitias me pintou" – mostram que, embora os potes de cerâmica fossem produzidos em massa nas oficinas locais, havia espaço para o orgulho artístico individual. Ainda que nossa tendência seja considerar "clássicos" os famosos vasos gregos, na verdade os exemplares mais primorosos foram produzidos na Era Arcaica. No início, os ceramistas coríntios fabricavam seus vasos pintando figuras negras sobre a cor natural da argila, em elegantes silhuetas. Por volta de 530 a.C., contudo, uma nova técnica foi aperfeiçoada em Atenas pelo "Pintor de Andokides" (assim chamado porque, ao que parece, era o artista predileto do ceramista Andokides). O esquema das cores foi invertido e o fundo passou a ser de um negro reluzente, e as figuras, foco da atenção do artista, tornaram-se vermelhas, a cor original da argila.

Possibilitando detalhes mais naturalistas, o novo estilo logo se difundiu. Por volta de 510–500 a.C., o pintor Eufrônio foi o primeiro a fazer um estudo dos detalhes anatômicos. "Eufrônio e seu círculo de pioneiros demonstram claro interesse pela musculatura", explica Gloria Ferrari Pinney, historiadora da arte na Universidade Harvard. "Em outros aspectos, como as experiências com a perspectiva ou a representação de gestos fugazes, nota-se que os pintores de figuras vermelhas estavam se aproximando do realismo."

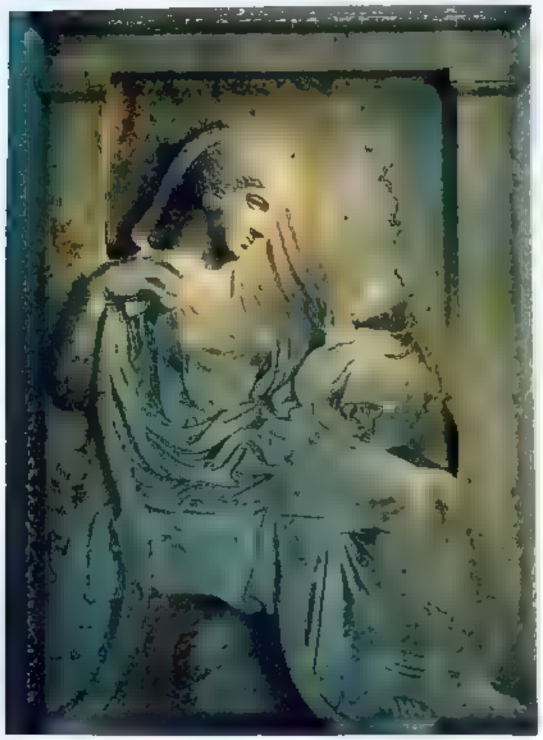
Nus com sedutor ar distante, os kouroi *"eram propositalmente eróticos", diz o especialista Andrew Stewart. Mais tarde, os* kouroi *tinham os olhos, lábios, mamilos e cabelos pintados. Já as estátuas das jovens, as* korai, *em geral apresentavam as figuras vestidas. A colorização por computador de uma* kore *do século 6 a.C., achada em Atenas, mostra um retrato plausível dos ornatos e das cores que a tornariam agradável a Atena*

A ERA ARCAICA TERMINOU no início do século 5 a.C., quando uma ameaça externa obrigou muitas cidades-estado a se preocupar não só com seus pequenos territórios, mas com o bem-estar coletivo. Do outro lado do mar Egeu, a Pérsia, um dos impérios mais poderosos do mundo, começava sua expansão para o Ocidente. Em 499 a.C., povoações gregas na costa do mar Jônio (hoje Turquia ocidental) se revoltaram, mas os persas logo as submeteram de novo. Como Atenas e Eretria haviam apoiado a rebelião fracassada, a ira do ambicioso Dario, rei da Pérsia, voltou-se [illegible] cidades e suas vizinhas.

A invasão persa ocorreu em duas ondas: em 490 a.C., sob o governo de Dario, e dez anos depois, sob o comando de seu filho e sucessor Xerxes. Várias cidades-estado capitularam diante do avanço persa, mas outras se uniram e resistiram, travando batalhas que se tornaram símbolos do heroísmo e da resoluta defesa da liberdade. Maratona, Termópilas, Salamina – até hoje esses nomes nos lembram as famosas batalhas. Segundo a tradição, um valente atleta partiu da planície pantanosa de Maratona, no leste da Ática, e correu até Atenas para levar a notícia da derrota do inimigo – e em seguida tombou morto de exaustão.

No desfiladeiro das Termópilas, entre as colinas rochosas e o mar, os espartanos, fiéis ao seu código de guerra, lutaram até o último homem, bloqueando essa passagem estratégica até que seus aliados se reagrupassem. Como escreveu Heródoto, os soldados espartanos lutaram "com espadas, sim, e também com mãos e dentes". Num subúrbio do moderno porto do Pireu contemplei o estreito de Salamina, no qual grandes navios petroleiros se arrastavam em direção ao mar. Dessa mesma elevação, em 480 a.C., Xerxes assistiu, horrorizado e incrédulo, à sua poderosa força naval ser destroçada pelos gregos.

A surpreendente vitória sobre a Pérsia foi um marco decisivo na psique grega. Despertou uma nova confiança nas possibilidades dos homens mortais, e dos gregos. Se estes haviam sido capazes de deter o avanço da mais rica e poderosa nação da época, então tudo era possível. Seria como se os estados Unidos fossem derrotados por uma coalizão de pequenos países do Caribe. As bases intelectuais assentadas na Era Arcaica passaram então a ser exploradas: a filosofia, a arte, o teatro, a política – tudo mudou nessa dinâmica e nova era.



Certa noite, sentada ao ar livre, contemplei a antiga Acrópole intensamente iluminada, destacando-se do perfil urbano da moderna Atenas. Talvez seja a imagem mais abusada do mundo – a conhecidíssima silhueta do templo clássico, no alto da colina rochosa. Mas o espírito de orgulho imbuído em sua construção continua palpável quase 2,5 mil anos depois.

A Acrópole resultou de um ambicioso plano de reconstrução de Atenas, depois que a cidade foi saqueada e incendiada pelos persas. Com sua rival Esparta, Atenas tornara-se uma das cidades-estado predominantes da Grécia continental no final da Era Arcaica. Foi também uma das protagonistas na guerra contra a Pérsia. Dois anos depois da batalha de Salamina, em 478 a.C., formou-se uma aliança de cidades gregas para proteger-se contra futuras agressões persas. Como líder da Confederação de Delos, assim chamada por estar sediada na ilha sagrada de Delos, Atenas foi acumulando cada vez mais poder. Seu prestígio aumentou, assim como suas riquezas, permitindo que realizasse o sonho de ser a cidade mais resplandecente de toda a Hélade.

A literatura clássica nos proporciona vislumbres dessa fervilhante cidade: "Ia eu da Academia diretamente para o Liceu, com a intenção de tomar o caminho junto à muralha", disse Sócrates, num dos diálogos de Platão. "Cheguei até o portão traseiro da cidade, junto à fonte de Panops." Com um guia de viagens moderno, pode-se passear pelas ruínas da cidade, seguindo o traçado dos velhos muros, passeando pela praça do mercado, subindo as colinas onde se reuniam o tribunal e a assembleia, avistando os templos e contemplando as lápides no cemitério de Kerameikos.

"Em Atenas tudo está à venda no mesmo lugar", comentou um poeta grego, descrevendo a ágora, que era praça do mercado e também centro político. "Figos, testemunhas para depor, uvas, nabos, peras, maçãs, provas para um depoimento, rosas, nêsperas, m[illegible] favos de mel, grão-de-bico, processos judiciais... cordeiros, relógios d'água, le[illegible] acusações."

De todas as partes da cidade antiga, a Acrópole é a mais bem conservada. Na verdade, existem quatro importantes edifícios clássicos nessa cidadela natural, ainda que o Partenon seja o centro das atenções. Dedicado a Atena Partenos, a deusa enquanto donzela, o Partenon, além de servir como templo, também era a tesouraria da Confederação de Delos. Uma pesada grade de ferro barrava o acesso à câmara onde ficava o tesouro, longe das vistas do público.

O templo grego é uma das mais influentes criações arquite[illegible] até hoje em uso, sobretudo em edifícios pú[illegible]cos. Seria difícil imag[illegible] na Washington, a capital dos estados Unidos, sem os seus numeros[illegible]

de inspiração grega. Modelos de argila do século 8 a.C. most[illegible] os templos primitivos se pareciam com casas: tinham o telhado íngreme e colunas apenas na entrada e nos fundos. Com o tempo, surgiram dois grandes estilos: o dórico e o jônico. A ordem dórica, mais antiga, destacava[illegible] pelas colunas vigorosas e sem adornos; o estilo jônico era mais "feminino", com colunas esguias enfeitadas por graciosas curvas decorativas no capitel.

O Partenon é considerado o templo dórico por excelência. Foi construído por uma equipe de gênios. O supervisor-geral foi Fídias, um dos maiores escultores de todos os tempos, e a iniciativa partiu de Péricles, o mais brilhante estadista de Atenas. Os arquitetos foram os renomados Ictinos e Calícrates. O Partenon tinha outra vantagem sobre outros templos – era feito de mármore. Em Bassae, nas remotas montanhas do Peloponeso, o mesmo Ictinos projetou um templo mais antigo, dedicado a Apolo Epikourios. À sua maneira, esse templo também é uma pequena jóia, tão inovador quanto o Partenon. Mas, como foi todo feito de pedra calcária cinzenta do local, hoje seu interior está desmoronando.

O mesmo ocorreu com o templo de Zeus em Olímpia, cujos frontões rivalizam com os do Partenon. Feito de calcário de conchas, ele permanece firme, mas adquiriu uma camada de sujeira negra. Na Antiguidade

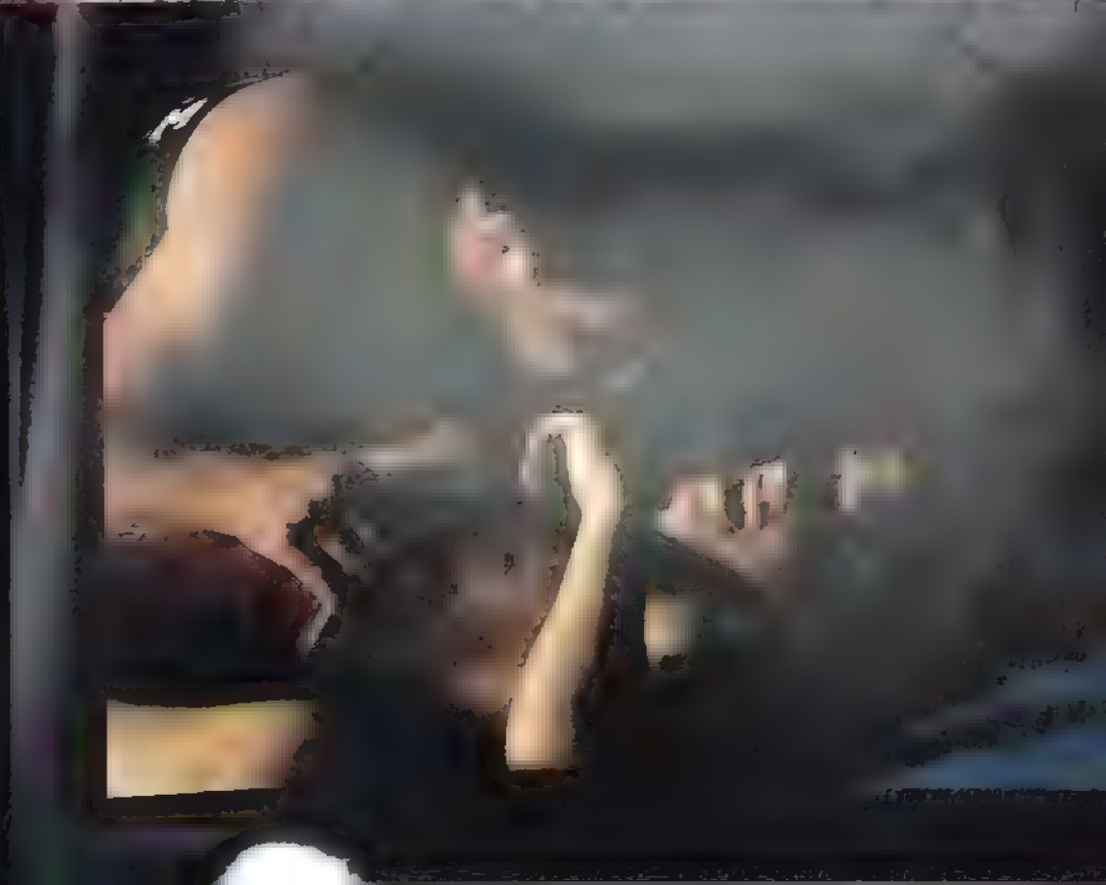
P[illegible] provavelmente viveu, [illegible] gregas, uma vida [illegible] cívicos. Ganhando dignidade na morte, uma menina da Tessália enfrenta a eternidade com uma boneca de marfim e recipientes de alabastro (acima).

[illegible] DE KERAMEIKOS; [illegible] ARQUEOLÓGICO DE ATHANASAKE ON VOLOS

Na palestra de Olímpia, um caminho outrora pisado por pés ágeis hoje está silencioso (acima). Aqui treinavam os lutadores para obter a cobiçada coroa de louros, honra máxima para os vencedores olímpicos. Celebradas a cada quatro anos em homenagem a Zeus, as Olimpíadas eram o mais importante evento esportivo dos muitos que mostravam a paixão dos gregos pela competição e pela glória. Baseada no treino

MUSEU ARQUEOLÓGICO NACIONAL, ATENAS

tanto quanto os antigos gregos.



provavelmente era revestido de estuque, imitando mármore branco.

Muitos templos eram locais de exibição para esculturas, tanto isoladas, sobre os frontões, como painéis em alto-relevo, formando frisos em torno do edifício. A escultura clássica passou a representar o homem com uma nova maturidade. Tal como na Era Arcaica, continuava-se a idealizar a juventude, mas os *kouroi* já assumiram uma forma mais naturalista.

"Entre tantas maravilhas existentes, nada é mais maravilhoso do que o homem", cantava o coro na *Antígona*, peça de Sófocles apresentada aos atenienses em 441 a.C. A arte clássica também expressava esse tributo, representando homens e deuses como seres humanos idealizados, elevando assim o homem a alturas olímpicas. Com rostos aparentemente remotos e inescrutáveis, as estátuas sugerem um invejável distanciamento em relação às mesquinhas preocupações mundanas. Há muito os historiadores, e também os visitantes dos museus, cantam louvores a essa altivez olímpica e à pureza das formas esculpidas. Muito admirado, sobretudo, é o olhar "a meia distância" das estátuas, que expressa essa despreocupação. Algumas dessas características eram genuínas; outras, porém, não passavam de uma ilusão.

"As pessoas se esquecem de que muitas esculturas gregas eram pintadas", exclama Chris Faraone, professor de estudos clássicos na Universidade de Chicago. "Os olhos eram pintados, assim como a pele e as roupas, com cores primárias e brilhantes, fixadas com cera translúcida. Deviam ficar parecidas com essas imagens de plástico da Virgem Maria." Com a pátina do tempo, as estátuas adquiriram um caráter inteiramente diferente. O mármore do Partenon, outrora dourado e cálido, faiscava com as fortes cores mediterrâneas, bem de acordo com essa cidade transbordante de energia. Poucos locais de Atenas eram tão movimentados e fervilhantes de discussões como a antiga Ekklesia ateniense, a assembléia democrática que governava a cidade. Ela se localizava numa plataforma escavada numa colina das vizinhanças, em frente à Acrópole – um local prenhe de significado. Ali, diante de cerca de 6 mil cidadãos sem medo de se expressar, que votavam levantando a mão, os políticos discursavam e defendiam suas causas. A retórica, ou seja, a arte de persuadir pela palavra, era tão importante que se tornou um dos alicerces da educação dos atenienses bem nascidos.

Em muitas cidades-estado havia alguma forma de governo democrático, mas foi em Atenas – que muito se orgulhava disso – que a democracia atingiu sua plenitude. No final do século 7 a.C., os legisladores começaram a modificar as leis que governavam a cidade. Aos poucos foram libertando a classe trabalhadora do pesado fardo das dívidas e da servidão aos aristocratas ricos. "Arranquei do seio da terra as pedras das hipotecas", escreveu Sólon, o grande reformador social ateniense do início do século 6 a.C. "E Atenas, antes escrava, agora é livre." No século 5 a.C., qualquer

cidadão que fosse a Assembléia [illegible] opinião e o direito de votar. Só havia um porem: só os cidadãos [illegible] do sexo masculino podiam participar, o que excluía todas as mulheres [illegible] assim como os escravos, que compunham talvez um terço da população.

"Os homens costumavam se casar por volta dos 30 anos, mas, para uma menina ateniense, era normal casar-se aos 14", explica Sarah B. Pomeroy, professora de estudos clássicos do Hunter College, em [illegible]. A noiva devia ser "ainda jovem o bastante para que o marido a educasse". Para as mulheres das classes inferiores, as profissões aceitáveis eram ir lá, cuidar dos dentes, fazer pão ou lavar roupa. As de classe média, porém, em geral cuidavam apenas dos assuntos domésticos.

O destino dos escravos era ainda menos invejável. Ainda que alguns escravos domésticos fossem tratados como membros da família, os escravos industriais sofriam sob condições brutais. Nas minas de prata de Laurion, que produziam a matéria-prima para as moedas de [illegible], escravos trabalhavam de bruços em corredores estreitos e sufocantes. Empregados para todo o tipo de trabalho – tarefas agrícolas, domésticas, ensino, entretenimento –, em geral eram cativos de guerra, ou capturados em ataques de piratas ou ainda vítimas do tráfico. Eram comprados e vendidos no mercado. A escravidão nem sempre durava até o fim da vida – não era incomum que um escravo ganhasse ou resgatasse sua liberdade.

A escultura [illegible] romanas, que se diz descendente de Hércules e mostrou-se digno do lendário antepassado. Equipados para a guerra [illegible] os gregos contra [illegible] enfrentou os persas no desfiladeiro das Termópilas. "Lutando com fúria", segundo Heródoto, Leônidas e seus homens tombaram ali, mas conquistaram glória eterna.

APESAR DE TODAS essas limitações, a imperfeita democracia de Atenas criou uma das sociedades mais abertas até então. Rica, confiante e poderosa, com uma população estimada de 150 mil habitantes, a cidade atraía filósofos, estudiosos e poetas de toda a Grécia. Mesmo de nosso ponto de vista, quase 25 séculos depois, poucos lugares no mundo foram tão criativos e vibrantes como Atenas na Idade de Ouro. O orgulho ateniense foi expresso pelo estadista Péricles por ocasião de um funeral para os guerreiros mortos na guerra contra Esparta, que acabou com a derrota ateniense.

"Nossa Constituição não copia as leis de estados vizinhos", disse Péricles, segundo o historiador Tucídides. "Não somos imitadores; pelo contrário, somos um modelo para os outros. A administração da cidade favorece a maioria, e não alguns poucos, e por isso é chamada de democracia. Se examinarmos nossas leis, elas garantem justiça para todos em suas desavenças particulares. Em suma, afirmo que, como cidade, somos a escola da Hélade."

Nem todos na Hélade pensavam assim. Esparta, cidade-estado que dominava o Peloponeso, seguia uma linha muito diferente. Controlando um território maior que o de qualquer outra *polis*, Esparta havia subjugado uma região chamada Messênia, que ocupava boa parte do Peloponeso ocidental, e fizera dos messênios seus hilotas, ou servos. Em meados do século 7 a.C., os messênios, bem mais numerosos que os espartanos, se revoltaram, mas foram de novo vencidos. Tomando isso como um alerta, os espartanos reestruturaram seu sistema político de modo a se garantir contra tal ameaça. O resultado foi um estado totalitário e militarista, voltado para um único objetivo: produzir os melhores guerreiros de toda a Grécia.

A oeste das ruínas de Esparta elevam-se os montes Taigeto, um maciço dividido por um desfiladeiro assustador, que serve como lembrete de que os rigores da vida espartana já começavam no nascimento. Na tarde em que visitei o local, os raios de sol brilhavam entre as folhas e flores, mas, ao subir

pelo desfiladeiro, a luz perdeu-se nas sombras da face do penhasco, como se fosse engolida pela montanha. De uma trilha que segue a garganta, fiquei apreciando uma borboleta solitária cruzando o abismo. Era por aqui que os espartanos costumavam abandonar os recém-nascidos fracos ou imperfeitos demais para servir ao estado. Os bebês de sexo masculino ficavam expostos às intempéries até morrer. Aqueles considerados aptos a viver eram separados dos pais aos 7 anos de idade e criados em acampamentos militares. No santuário vizinho de Artemis Órtia, os jovens espartanos passavam por testes de resistência, incluindo açoitamentos.

As mulheres de Esparta desfrutavam de muito mais liberdade do que as outras gregas. Por exemplo, só elas participavam dos jogos atléticos, nuas como os homens. Mas o valor de uma mulher era julgado sobretudo pela qualidade dos filhos que gerava. Na noite de núpcias, a noiva cortava o cabelo bem curto e vestia trajes masculinos, de modo a parecer um garoto. Depois de consumado o casamento, o marido retornava ao acampamento militar. O homossexualismo era norma entre os homens de Esparta –

e talvez também entre as mulheres –, assim como nos círculos aristocráticos de toda a Grécia, sobretudo entre os militares. (O Batalhão Sagrado, elite guerreira de Tebas, na Beócia, a noroeste de Atenas, reunia os melhores soldados da Grécia, só perdendo para os espartanos, e era composto apenas de pares de rapazes homossexuais, pois acreditava se que cada um lutaria com mais valentia pela vida do amante do que pela própria.)

Conservadores e introvertidos, os espartanos viam com desconfiança e desprezo os cosmopolitas e liberais atenienses. Os velhos costumes eram muito entranhados naquele remoto estado, situado nas montanhas do Peloponeso. E era justamente na Arcádia, outra região do Peloponeso, que se praticava o culto do lobisomem associado a Zeus-Likaios.

Mas os costumes tradicionais também eram arraigados na sofisticada Atenas. Na mesma cidade em que Sócrates conduzia suas investigações informais, tão populares, sobre os fundamentos racionais da ética, da amizade, do amor e da justiça, era generalizada a prática da magia e da feitiçaria. "E há, ainda, sacerdotes e videntes mendicantes", escreveu Platão em *A República*. "Batendo na porta dos ricos, querem persuadi-los de que se alguém quiser prejudicar um inimigo, eles, os videntes, por bem pouco dinheiro o farão, com encantamentos e bruxarias." Já foram recuperados

Ruínas do palácio de Persépolis (à direita), capital da Pérsia fundada por Dario I, cujo sonho era conquistar a Grécia. No estreito de Salamina, suas esperanças foram destroçadas pelos trirremes gregos. Com um aríete com ponta de bronze na proa, estas naus de madeira (à esquerda) eram rápidas e ágeis, perfurando os barcos inimigos. Em Atenas, a réplica Olimpias *lembra a vitória que inaugurou a Idade de Ouro da cidade.*

numerosos exemplos de fórmulas mágicas de feitiçaria, rabiscadas em objetos de chumbo, por toda a Grécia, mas, entre os provenientes do período clássico, o maior número vinha de Atenas.

David Jordan, especialista em folclore e magia antiga na Escola Canadense de Arqueologia, em Atenas, marcou um encontro comigo no antigo cemitério de Kerameikos. Depois de passar pela rua das sepulturas, entramos no pequeno museu, passando por estelas funerárias com inscrições comoventes e belas imagem dos mortos. Chegamos, por fim, a um gabinete envidraçado. Jordan apontou um bonequinho de chumbo, deitado num caixão em miniatura, também de chumbo. Os braços da figura haviam sido puxados para trás, como se estivessem amarrados atrás das costas, e na sua perna lia-se um nome masculino. Junto com mais oito pessoas, cujos nomes estavam escritos na tampa do caixão, aquele homem devia figurar num julgamento público. O boneco fora colocado em um túmulo possivelmente para atrair a atenção de Hades, o senhor do mundo subterrâneo. Outros preferiam esconder suas maldições em santuários, poços ou teatros ao ar livre. Os feitiços iam desde fórmulas para atrair o amor até bruxarias encomendadas por oleiros, taverneiros e comerciantes para prejudicar concorrentes.

"A maioria dos feitiços encontrados são contra adversários em processos legais", diz Jordan. Naquela época, tal como hoje, parece que os princípios democráticos que estimulavam a expressão individual também fizeram com que a população se tornasse excessivamente litigiosa.

Deuses, sangue e façanhas eram temas comuns na arte grega. Num friso do século VI a.C. que abrigava o tesouro de Delfos, um guerreiro cai nas garras de um leão, e Apolo e Ártemis atacam um inimigo, em cena do mito sobre a derrota dos titãs pelos deuses do Olimpo. Para alguns, trata-se de um relato do triunfo grego sobre os bárbaros

MUITOS FESTIVAIS ATENIENSES proporcionam exemplos [illegible] tradições que aparentemente não combinam com a reputação da cidade como centro urbano esclarecido. No passado, quando predominava a atividade rural, os eventos agrícolas marcavam o ciclo anual da vida. Eram épocas de festejos, juntamente com as cerimônias religiosas dedicadas aos deuses que concediam a colheita. Quando a vida tornou-se mais urbana, esses festivais foram levados para a cidade e ficaram mais elaborados. Supervisionados pelo estado, tornaram-se ocasiões para a expressão do orgulho cívico, ao mesmo tempo que conservavam elementos do antigo ritual. Nas Tesmofórias, festa da fertilidade que durava três dias, dignas matronas construíam cabanas de ramos, onde permaneciam sentadas no chão, em jejum, durante o dia todo. No terceiro dia, buscavam os [illegible] recipientes de leitões que, meses antes, haviam sido sacrificados [illegible] enterrados num fosso. Os leitões eram em [illegible] colocados nos altares, ao lado das oferendas de cereais.

Os atenienses esclarecidos não só preservavam as tradições, como tinham uma capacidade limitada de inovação e abertura. Nenhum [illegible] ilustra isso de modo mais dramático do que o destino do filósofo Sócrates. Nascido em 469 a.C. numa família de classe média, Sócrates demonstrara seu patriotismo servindo com coragem em várias batalhas importantes. Filósofos anteriores da Era Arcaica, como Tales de Mileto e Heráclito haviam tentado explicar analiticamente certos mistérios, como a origem da vida, a natureza do universo e a essência da alma, até então explicados apenas pelos mitos. De início, Sócrates seguiu essa linha de investigação filosófico-científica, mas depois se concentrou em questões éticas.

Embora Sócrates não tenha deixado nada escrito, seu discípulo Platão o fez. Seus *Diálogos* são reconstruções das irônicas conversas de Sócrates, nas quais o filósofo interrogava amigos e conhecidos acerca de vários assuntos, desde a natureza da amizade até a organização ideal de um estado justo.

"Já ouvi Péricles e outros grandes oradores, e achei que falavam bem", diz um personagem do *Banquete* de Platão. "Porém ... minha alma não foi tocada por eles, nem fiquei indignado com minha condição de escravo. Mas ele [Sócrates] me faz confessar que eu não deveria viver como vivo, negligenciando os desejos da minha alma."

A reputação de integridade pessoal e intelectual, o famoso senso de humor e o caráter inédito de suas indagações atraíram para Sócrates muitos seguidores: jovens bem-nascidos, interessados nos negócios públicos, alguns dos quais haviam se mostrado hostis à democracia ateniense. Em 399 a.C., porém, a decisão de levar Sócrates a julgamento público, sob vagas acusações de "corromper a juventude" e "adorar novos deuses", provavelmente não se baseou em nada de específico. O mais provável, como Sócrates declarou no julgamento, é que as pessoas estavam se sentindo ameaçadas por ele. O filósofo decidira ser um incansável crítico de Atenas, sempre desafiando as pessoas a examinar as opiniões estabelecidas por meio da investigação metódica, a fim de distinguir a verdade das meras crenças. O júri o considerou culpado e pediu a pena de morte, mas antes convidou Sócrates a sugerir uma punição alternativa. Refletindo que durante toda a vida incentivara os outros a buscar a virtude e a sabedoria, mais do que o interesse próprio, Sócrates opinou que

[illegible] a população para a dança do sabão em Simos [illegible] antes da quaresma, conserva vestígios de antigos ritos de fertilidade. [illegible] de pele de cabra, os participantes levam no pescoço sinos de metal para cabras de até 50 quilos. Suados e alegres, atravessam a noite animados pela ouzo. "Ao dançar, penso em Pã e Dioniso", diz Yiannis Eugenikos. "É a única ocasião em que temos liberdade para mostrar nossa força, tenacidade e sensualidade."

merecia a mesma recompensa dada aos vencedores olímpicos: manutenção vitalícia pelo estado. O juri não achou graça e o condenou à morte

A morte de Sócrates afetou profundamente Platão e outros discípulo De certo modo, foi um acontecimento que assinalou de modo conclusivo o fim da Idade de Ouro. Grandes filósofos, poetas, artistas, oradores e historiadores viriam depois, sem dúvida; mas o clima inebriante de entusiasmo e confiança, de descoberta e experimentação, havia passado

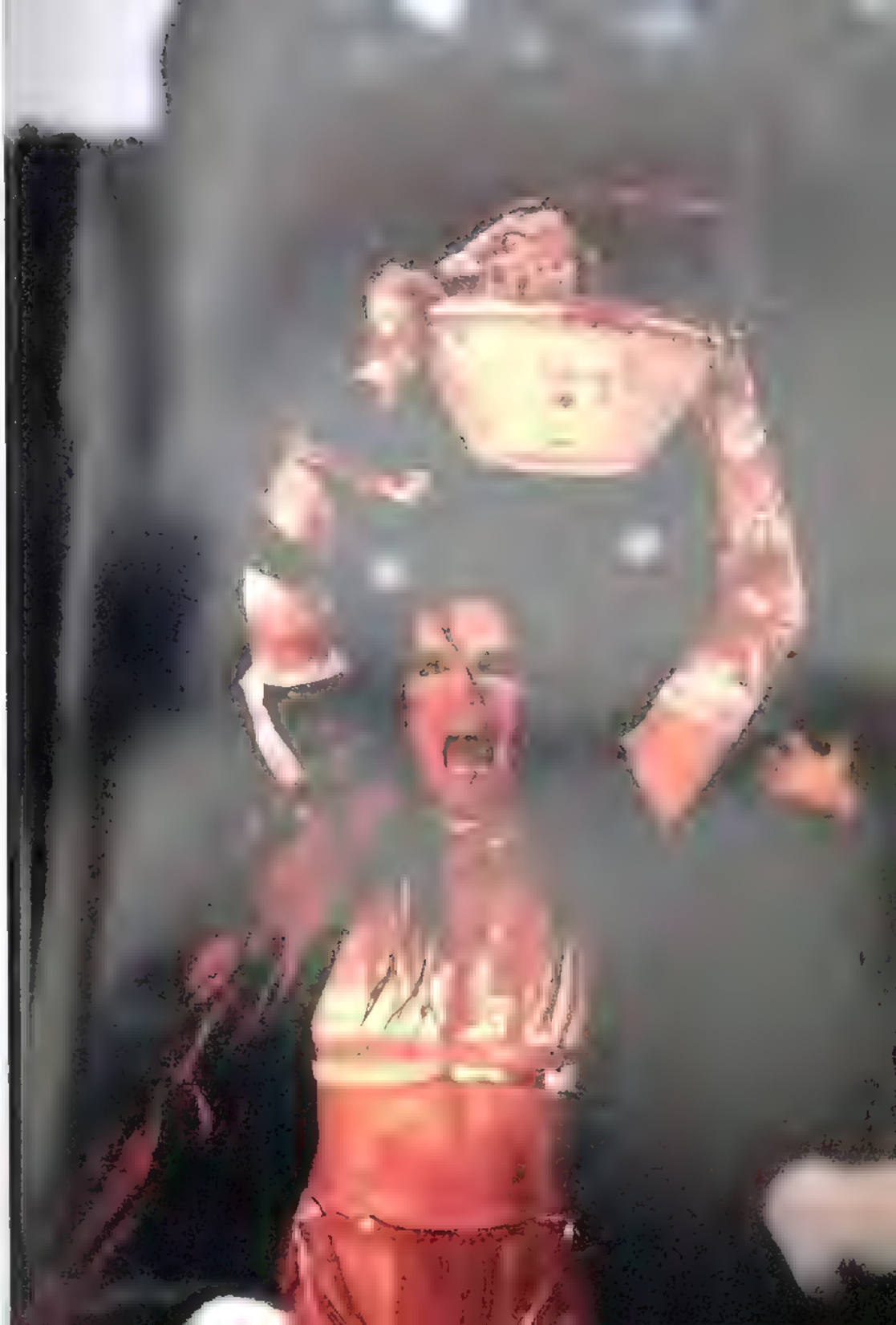
A derrota dos persas em 480 a.C., embora resultado do esforço conjunt dos gregos, não levou a uma Grécia unida. As velhas rivalidades persistiam O tesouro e a autoridade da Confederação de Delos, criada para o bem comum dos estados membros, foram cada vez mais subvertidos por Atena em favor de suas ambições imperiais. As hostilidades entre Atenas e Esparta levaram a uma guerra total apenas 50 anos depois da batalha de Salamina. A guerra do Peloponeso, travada de 431 a.C. até 404 a.C., consumiu os recursos, a energia a moral e a mão-de-obra das duas cidades-estado E uma epidemia misteriosa eclodiu em 430 a.C., devastando Atenas e tirando a vida do estadista Péricles. Depois que Esparta recebeu fundos de sua velha inimiga, a Pérsia, Atenas viu sua poderosa marinha ser destroçada e seu poderio arrasado numa série de batalhas desastrosas. Por fim, em abril de 404 a.C., Atenas rendeu-se a Esparta

Ao contrário de Roma, a Grécia clássica não deixou como legado um império no sentido físico Sua herança foi mais sutil – e mais inescapável A meu ver, o que melhor a caracteriza é uma das mais perenes contribuições ao humanismo: a tragédia grega. No início, essas peças teatrais eram representadas num festival ateniense em honra de Dioniso, deus do vinho e da exuberância da natureza. São obras que tratam dos mistérios permanentes da condição humana. Será o destino do homem decidido de antemão? Quais são mais elevadas – as leis do estado ou as leis naturais dos deuses? E em quem se pode confiar para interpretar essas leis naturais? Qual é a natureza da justiça – a vingança ou a deliberação e ponderação das provas? Que propensões obscuras existem em nós? Essas questões são examinadas pelos poetas trágicos – Esquilo, Sófocles e Eurípides – por meio da linguagem poética e de um drama empolgante de apelo geral. "Ao longe, no ar celestial, vivem os filhos do céu", canta o coro em *As Bacantes*, de Eurípides. "Mas eles observam a vida dos homens. E aquilo que passa por sabedoria não é sabedoria. Não são sábios os que aspiram, os que ultrapassam os limites do homem." As tragédias, apresentadas em trios, eram sempre seguidas por uma comédia, de humor irreverente. Cada série de peças levava o dia todo para ser apresentada. Tanto o sublime como o profano eram vistos como oferendas adequadas e agradáveis ao deus Dioniso

Essa busca pública e popular pelos limites da condição humana diante de um deus, aproximando o profano e o sublime, parece-me a essência do milagre grego. Sem a Grécia clássica, a história política, moral e cultural do Ocidente seria muito mais pobre. Parafraseando as palavras de Winston Churchill, nunca a história de tantos deveu tanto a tão poucos.

Nas igrejas de toda a Grécia se encontram tamata, *oferendas votivas prateadas (abaixo), lembrando as oferendas pagas aos deuses, os quais por vezes eram cruéis.*

Nas Bacantes, *de Eurípedes, Dioniso faz com que Agave le Tebas, sem o saber, estraçalhe o próprio* [illegible] *Micaela Esdra (à direita). A antiga tragédia grega continua viva até hoje*



O musculoso jovem montado no cavalo de mármore lembra a grandeza mítica de Alexandre III da Macedônia. Dizendo-se descendente de deuses e heróis gregos, esse jovem rei do século 4 a.C. lançou-se numa campanha de conquistas, vingança e glória pessoal, e acabou tornando um dos maiores impérios do mundo.

ALEXANDRE, O CONQUISTADOR

Por CAROLINE ALEXANDER
Fotos de
JAMES L. STANFIELD

A planície da Beócia, no sopé do monte Parnaso, a noroeste de Atenas, se desdobrava vulnerável ao abrasador sol de verão. Ao lado da estrada, à sombra das árvores, erguia-se uma colossal estátua de mármore: um leão sentado com 8,5 metros de altura. Exceto pela estátua, nada naquela paisagem, algo artificial ou natural, indicava ter sido ali o cenário de uma batalha sangrenta e desesperada. No tórrido mês de agosto de 338 a.C., perto da antiga cidade de Queronéia, uma aliança das forças militares de Atenas, Tebas e outras cidades gregas sofreu uma derrota decisiva. O vitorioso foi Filipe II da Macedônia, soberano da inóspita região setentrional do mundo de fala grega. Ali os guerreiros do Batalhão Sagrado, a unidade de elite de Tebas, lutaram até a morte, em obediência ao seu código de honra. Foram enterrados numa vala comum, sob o olhar do monumental leão de mármore.

Nessa campanha decisiva, a Cavalaria dos Companheiros, que reunia os cavaleiros de elite da Macedônia, era comandada pelo precoce filho de Filipe, Alexandre, na época com 18 anos. Foi ele quem, aproveitando uma brecha nas linhas inimigas, liderara o ataque contra o Batalhão Sagrado. Apesar dessa estréia promissora, ninguém imaginaria que, apenas 14 anos depois, Alexandre teria conquistado todo o mundo conhecido até o Oriente, alterando o curso da história mundial.

Várias biografias de Alexandre III da Macedônia – também conhecido como Alexandre Magno ou Alexandre, o Grande –, foram escritas na Antiguidade; a maioria, porém, séculos após sua morte. São essas as fontes de episódios famosos, transmitidos pela tradição popular: o jovem Alexandre domando Bucéfalo, o cavalo que o acompanharia em todas as campanhas militares; o episódio do "nó górdio", uma corda cheia de nós tão intrincados que, segundo uma lenda local, quem conseguisse desfazê-los se tornaria senhor da Ásia (Alexandre cortou-a com a espada); seus inúmeros atos de crueldade e de valentia na guerra. Mesmo durante sua breve existência, Alexandre já se tornara lendário. Hoje, cerca de 2,3 mil anos depois, por vezes ele nos parece mais uma figura mitológica do que um personagem histórico, de carne e osso. Para o bem ou para o mal, foi um dos raros homens que, ao atravessar com passos largos o palco da vida, marcaram para sempre o mundo com sua presença.

As conquistas de Alexandre inauguraram a Era Helenística, que vai de sua morte, em 323 a.C., até 31 a.C. Nesse período, a cultura grega difundiu-se pelo norte da África e sudoeste da Ásia, deixando marcas no Egito, na Líbia, no Iraque, no Irã, no Afeganistão e no Paquistão, entre outras regiões. A fusão das culturas grega, persa e outras afetou todos os aspectos da vida: a língua, o governo, a arte, a literatura, a religião. Pode-se dizer, com justiça, que essa época foi o primeiro passo importante rumo a uma cultura internacional.

Já esteve na moda dar crédito a Alexandre pela visão política que o fez forjar essa era multicultural. Na realidade, é provável que ele nunca tivesse tido em mira esse resultado. O gênio militar de Alexandre é indiscutível, mas em todos os outros aspectos as opiniões se dividem. Para cada estudioso há um Alexandre.

CIOSO DE SUA IMAGEM, Alexandre só permitia que [illegible] artistas fizessem seu retrato: o escultor Lisipo, o renomado pintor Apeles e Pirgoteles, um lapidador de pedras preciosas. As cópias que restaram do trabalho de Lisipo e outros retratos, assim como as descrições literárias nos oferecem uma imagem coerente. Alexandre era bastante baixo provavelmente com pouco mais de 1,50 metro de altura. Sua beleza era renomada, tinha longos cabelos cacheados e a pele clara, "com um tom avermelhado, sobretudo no rosto e no peito", segundo Plutarco, que escreveu uma biografia dele no século I d.C. [illegible]

a cabeça para a esquerda e tinha um olhar "langüido" – características que levaram médicos modernos a sugerir que sofria de uma doença dos olhos rara, a síndrome de Brown.

Como não tinha barba cheia, lançou a moda do rosto escanhoado. Sua beleza suave, porém, escondia uma natureza tenaz e competitiva evidente desde a infância. "Meu pai vai ser o primeiro a conquistar tudo", queixou-se ainda criança, ao saber que Filipe conquistara mais uma cidade. "Para mim ele não vai deixar nenhuma grande proeza por fazer."

Embora Alexandre seja conhecido como "o Grande", foi na verdade seu pai, um dos mais brilhantes generais da época, quem consolidou o reino da Macedônia, aumentando-lhe a riqueza e o status por meio de conquistas, comércio e astutas alianças políticas, inclusive casamentos – nada menos que sete. A família de Filipe governava a Macedônia havia mais de 300 anos, e a organização política dessa monarquia absoluta tinha mais em comum com a das tribos do norte da Grécia do que com as cidades-estado meridionais. No século 4 a.C., esse tipo antigo de monarquia, com suas caçadas, lutas e grandes bebedeiras, já era considerado anacrônico. "Para os outros gregos, os macedônios eram bárbaros, meio selvagens", diz o historiador Peter Green, da Universidade de Iowa.

[illegible] pelo poder [illegible] de Alexandre considerava-se de origem divina e alternava ser descendente não só de Zeus, mas também do herói Hércules e do grande guerreiro Aquiles, que idolatrava e aspirava suplantar

MUSEU ARQUEOLÓGICO, VERGINA

um reino à sua altura. A Macedônia é pequena demais para você". Foi uma verdade, Bucéfalo, que soubemos. Alexandre por todos continentes. Segundo relatos antigos, ao morrer em consequência de ferimentos, aos 30 anos, Bucéfalo foi enterrado como um rei.

Se Alexandre devia ao pai boa parte de seu gênio tático, emocionalmente tinha mais afinidade com a mãe, Olímpias, princesa de Epiro, no noroeste da Grécia. Era uma mulher resoluta, orgulhosa e implacável (em seguida à morte de Filipe, mandou queimar viva a última esposa deste). Extremamente religiosa, era também bacante, ou seja, uma das mulheres que adoravam Dioniso em bacanais arrebatadores e orgiásticos. Dizia-se que o modo como manipulava serpentes vivas nessas ocasiões deixava nervoso o próprio Filipe. Foi ela que transmitiu a Alexandre a crença nas superstições e a convicção de que ele descendia de Aquiles, o herói da *Ilíada*

Inseparáveis na vida e na arte, Alexandre e Bucéfalo enfrentam a batalha neste bronze antigo. Belo jovem de cabelo cacheado, Alexandre manipulava seu carisma como uma espada, inspirando e intimidando suas tropas. Em todas as suas vitórias, ele liderou em pessoa o ataque decisivo da cavalaria. Destemido e até temerário, gabou-se certa vez para os seus homens: "Não há uma parte do meu corpo sem cicatrizes. E tudo por vocês, para sua glória e seu proveito".

NO NORTE DA GRÉCIA, a menos de 1 hora de carro da moderna cidade de Tessalônica, ficam as ruínas de Pela, capital da Macedônia e sede da corte de Filipe. A região é montanhosa e agreste, e não é difícil imaginar os aristocratas macedônios caçando e travando escaramuças em seus bosques. Ali nasceu Alexandre, por volta de 20 de julho de 356 a.C., e ali haveria de passar toda a sua breve vida, com exceção dos últimos 11 anos. Embora filho do rei, sua educação foi espartana. Com o exemplo de Filipe e seus companheiros sempre presente, Alexandre foi criado em meio a homens rudes: caçadores, domadores de cavalos e soldados profissionais. Desde cedo, os valores que aprendeu eram os mesmos dos guerreiros da sua amada *Ilíada*: não há honra maior que a glória na guerra.

Apesar de atritos entre pai e filho, Filipe preparou-o para herdar o reino. Em 343 a.C., contratou Aristóteles, antigo discípulo de Platão, para ser tutor do menino. "O pai de Aristóteles fora médico na corte do pai de Filipe", explica-me Ernst Badian, professor da Universidade Harvard. "O filósofo conhecia Filipe pessoalmente, e saberia 'seu lugar' na corte."

O grande objetivo de Filipe era conquistar a Pérsia, velha inimiga da Grécia situada no outro lado do mar Egeu. Porém, em 336 a.C., aos 46 anos, foi assassinado por um guarda-costas, possivelmente seu ex-amante (tal como a maioria dos gregos da classe alta, Filipe era bissexual). Frustrando eventuais usurpadores, Alexandre, então com 20 anos, logo instalou-se firmemente no trono macedônio.

Dois anos depois, à frente de 6 mil cavaleiros e 43 mil soldados, cruzou o Helesponto, o estreito hoje chamado de Dardanelos, rumo à Ásia Menor. Foi a primeira etapa da sua grandiosa campanha para realizar a ambição de Filipe: retomar as cidades gregas subjugadas pela Pérsia, um império que se estendia desde a Turquia até o Paquistão modernos. Oficialmente, Alexandre afirmava liderar uma campanha pan-helênica de vingança contra a Pérsia pela invasão da Grécia ocorrida um século e meio antes, na época do rei Xerxes. Na verdade, poucos gregos participavam da expedição.

Após atravessar o Helesponto, Alexandre seguiu para Tróia, lugar que assombrava sua imaginação desde a infância. "Ele considerava a *Ilíada* um manual de guerra, e levava consigo em suas campanhas um exemplar anotado por Aristóteles", escreveu Plutarco. "E sempre o mantinha sob o travesseiro, ao lado de um punhal." Ao pé das ruínas de Tróia, ele e seu amigo mais próximo, Hefestion, prestaram homenagem aos supostos túmulos de Aquiles e Pátroclo. Ungiram os altares com óleo e ofereceram sacrifícios aos dois personagens da *Ilíada*, com os quais se identificavam.

Em maio de 334 a.C., deu-se o primeiro embate de Alexandre com os persas a nordeste de Tróia, no rio Granico (atual Kocabaş). No verão em que visitei o local, o leito do rio estava seco e árido, o que me permitiu um exame detalhado do terreno. A planície verde-amarelada de Granico estendia-se de ambos os lados do rio. Na margem oposta, colinas formavam um pano de fundo para a paisagem. Ali os persas haviam disposto suas tropas para a batalha — na linha de frente, 15 mil cavaleiros atrás, na elevação do terreno, 16 mil soldados, um terço deles mercenários gregos. Ignorando o conselho de Parmênio, general de Filipe, para adiar o ataque, Alexandre lançou-se impetuosamente no rio e escalou a íngreme margem oposta, indo de encontro aos persas. Em combate corpo a corpo, Alexandre e seus soldados romperam as linhas inimigas e cercaram os mercenários gregos do rei da Pérsia.

Muitos aspectos dessa vitória inicial voltariam a se repetir nos triunfos posteriores. Alexandre pôde contar com o legado de seu pai além da Cavalaria dos Companheiros, dispunha da falange macedônia, aperfeiçoada por Filipe. Era uma unidade de infantaria de grande agilidade, composta de soldados com lanças de madeira que chegavam a 5 metros de comprimento. Foram essas lanças até 3 metros maiores do que as comuns que protegeram seus homens enquanto escalavam a margem do rio, desde uma posição vulnerável abaixo do inimigo.

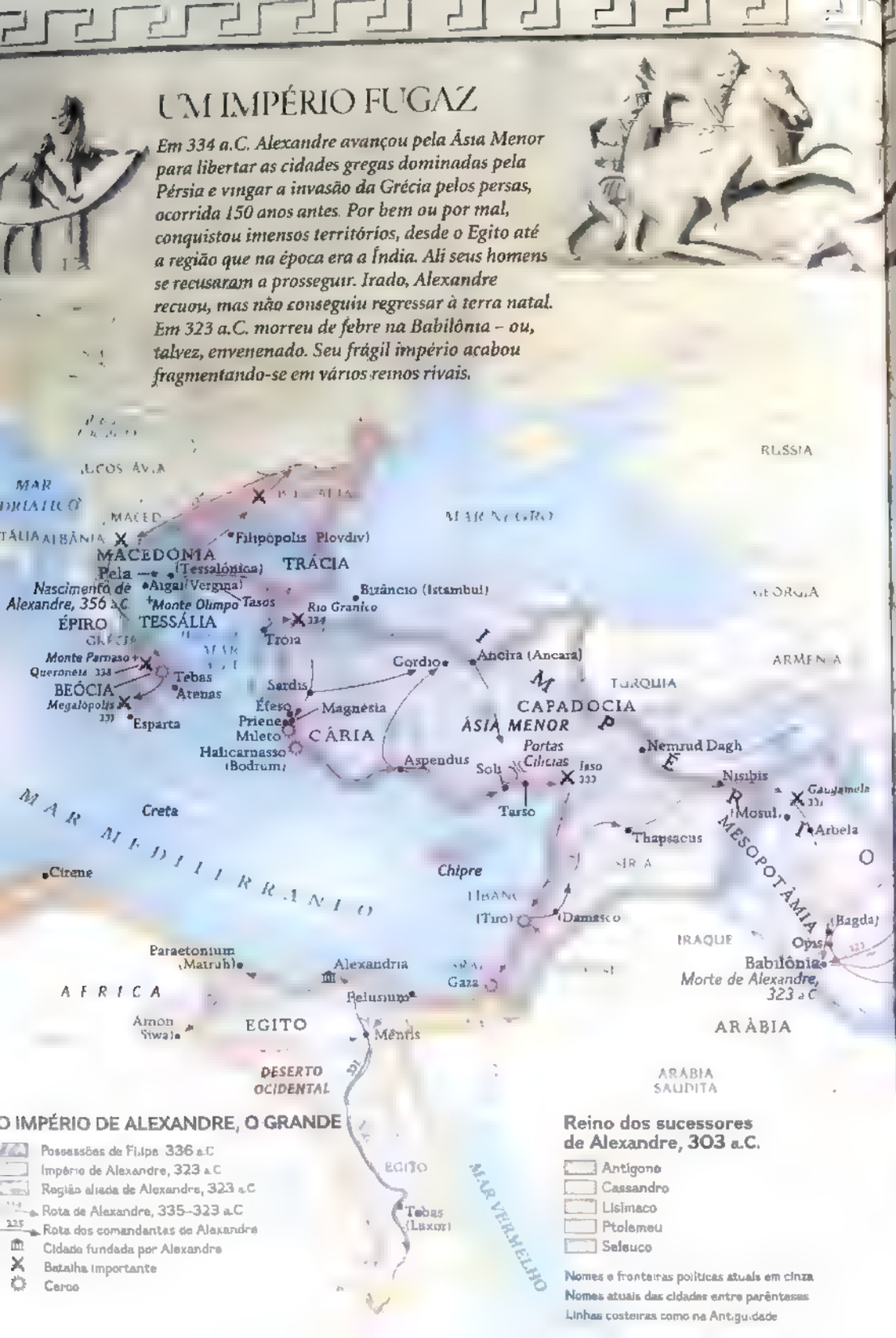
Alexandre era, acima de tudo, um gênio da tática militar, abençoado com o dom da liderança. Quando ordenava um ataque frontal, sabia que seus homens o seguiriam sem pestanejar. "Aprendemos que o segredo da liderança nas circunstâncias mais duras é que os oficiais passam pelo mesmo treinamento dos soldados", comenta o almirante Ray Smith, da Marinha americana. "Os homens sabem que não lhes será pedido nada além do que o comandante não tenha feito ou não poderia fazer."

De modo instintivo, Alexandre seguia esse código. Sua personalidade e seu orgulho exigiam que fosse o melhor em tudo. Ele próprio liderou a carga da cavalaria em Granico, bem visível para seus homens, com seu capacete encimado por plumas brancas. Sua atenção para com os soldados também era parte essencial do código de guerra macedônio.

"Demonstrava grande preocupação pelos feridos", escreveu Arriano, historiador grego do século 2 d.C., cujo relato das campanhas de Alexandre é considerado uma das melhores fontes antigas. "Visitava todos e examinava suas feridas, perguntando a cada um como fora ferido e permitindo-lhe que contasse sua história e exagerasse à vontade."

UM IMPÉRIO FUGAZ

Em 334 a.C. Alexandre avançou pela Ásia Menor para libertar as cidades gregas dominadas pela Pérsia e vingar a invasão da Grécia pelos persas, ocorrida 150 anos antes. Por bem ou por mal, conquistou imensos territórios, desde o Egito até a região que na época era a Índia. Ali seus homens se recusaram a prosseguir. Irado, Alexandre recuou, mas não conseguiu regressar à terra natal. Em 323 a.C. morreu de febre na Babilônia – ou, talvez, envenenado. Seu frágil império acabou fragmentando-se em vários reinos rivais.



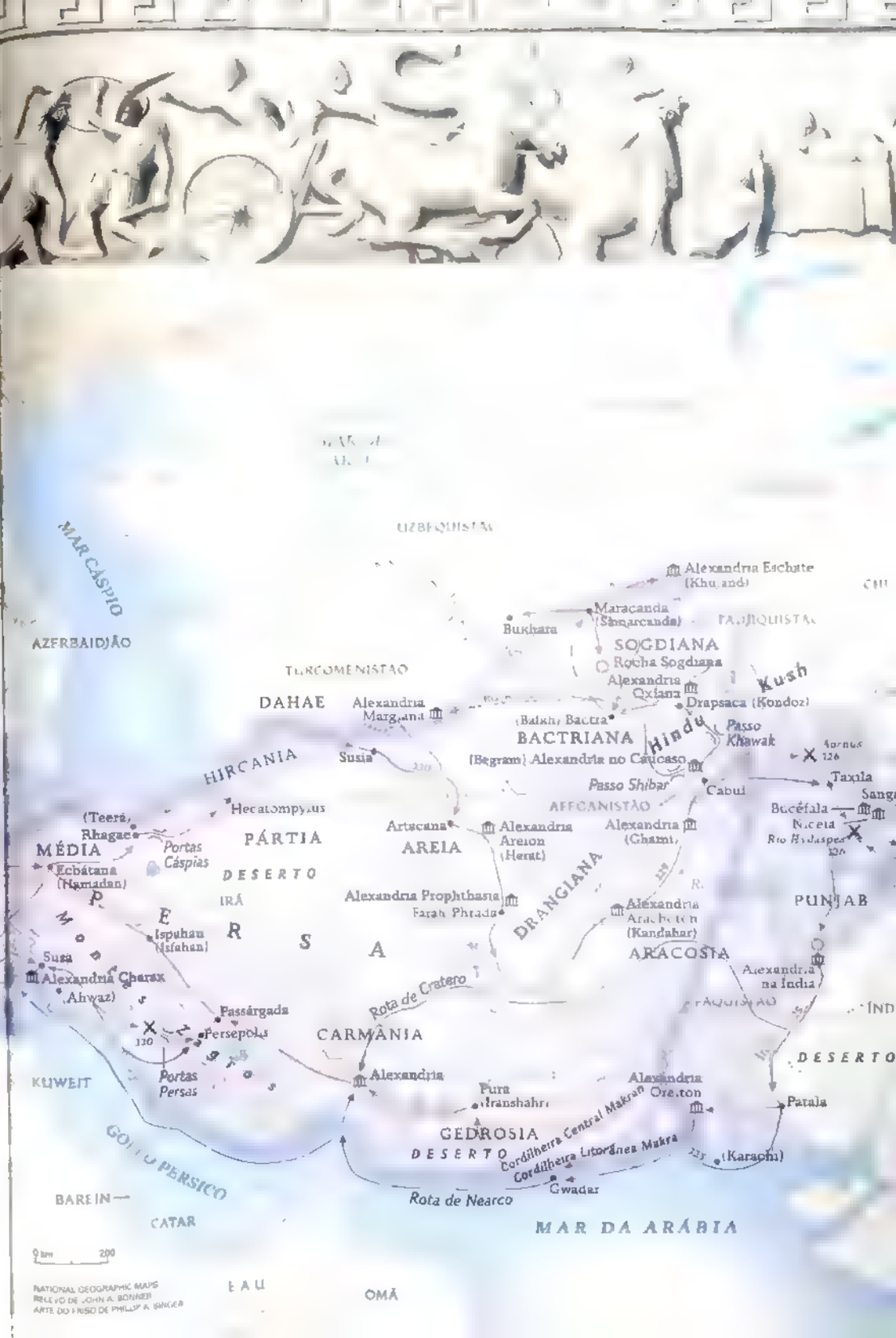
O IMPÉRIO DE ALEXANDRE, O GRANDE

- Possessões de Filipe 336 a.C.
- Império de Alexandre, 323 a.C.
- Região aliada de Alexandre, 323 a.C.
- Rota de Alexandre, 335–323 a.C.
- 225 Rota dos comandantes de Alexandre
- Cidade fundada por Alexandre
- Batalha importante
- Cerco

Reino dos sucessores de Alexandre, 303 a.C.

- Antígono
- Cassandro
- Lisímaco
- Ptolemeu
- Seleuco

Nomes e fronteiras políticas atuais em cinza
Nomes atuais das cidades entre parênteses
Linhas costeiras como na Antiguidade



A derrota em Granico deixou os persas alarmados. Enquanto estes recuavam para o interior, Alexandre seguiu pelo litoral numa marcha triunfante, libertando as cidades gregas de Éfeso, Magnésia e Priene de seus senhores persas. Em seguida, voltou-se para o interior, seguindo até Górdio e, depois, para a costa oriental do Mediterrâneo, sempre no encalço de Dario III, o rei da Pérsia. Os dois afinal se defrontaram nos arredores de Isso, junto à atual fronteira da Turquia com a Síria. Os macedônios estavam exaustos após uma marcha de dois dias, e em inferioridade numérica – 50 mil para cerca de 70 mil persas. Mesmo assim, Alexandre reuniu suas tropas e avançou para o lugar do confronto, comandando pessoalmente o ataque. Em meio à poeira e ao fragor da batalha, avistou Dario em sua carro de guerra e investiu direto contra ele, seguido pela cavalaria. Quando Dario fugiu, os persas perderam a batalha.

No outono de 333 a.C., Dario conseguiu escapar, mas a batalha de Isso deixou claro que Alexandre era uma verdadeira ameaça ao poderio persa. Até então, sua principal realização fora dominar diversas cidades e pequenas tribos gregas insubmissas. A vitória em Granico poderia ser considerada um golpe de sorte, mas em Isso o jovem macedônio, com 23 anos de idade, enfrentara e vencera, em combate individual, o grande rei da Pérsia. Além disso, Dario fora forçado a abandonar no acampamento sua bagagem e sua família, e ambas foram capturadas pelos macedônios. Os soldados deliciaram-se com a extraordinária riqueza do butim; mas, por ordem de Alexandre, não tocaram na esposa e nas filhas do rei persa.

Partindo de Isso, Alexandre dirigiu-se para o litoral do Mediterrâneo, onde as cidades aliadas dos persas, uma após a outra, abriram-lhe os portões e se renderam. O conquistador encontrou a primeira resistência significativa em Tiro. Situada numa ilha a 1 quilômetro da costa, Tiro era um lugar estratégico pelo seu temível poderio naval. Como o exército de Alexandre incluía uma unidade de engenharia, esta logo começou a construir uma ponte para a ilha. Mas foram precisos sete meses para a conquista da cidade. Quando afinal conseguiram, caíram sobre seus moradores com uma fúria inexorável: 7 mil pessoas foram mortas de imediato. Dos jovens de sexo masculino, 2 mil foram crucificados e 30 mil vendidos como escravos.

"Sangue em profusão foi a marca registrada de toda a campanha de Alexandre", comenta Ernst Badian. "Nada se compara a ela na história antiga, exceto a campanha de Júlio César na Gália."

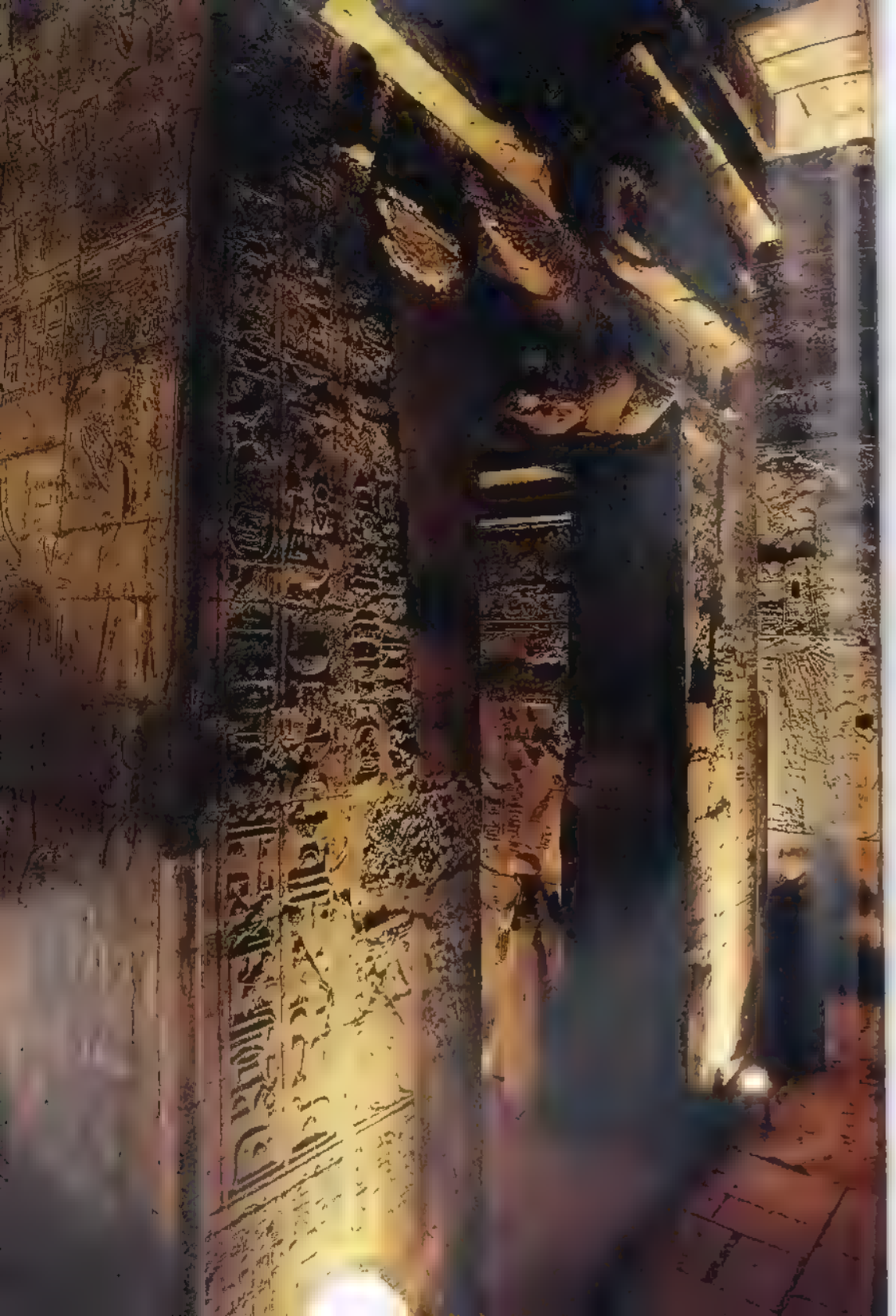
Alexandre prosseguiu para o sul, neutralizando os aliados da Pérsia, até chegar ao Egito. Ali foi recebido com festas. Fazia quase 200 anos que o Egito, outrora poderoso, caíra sob um intermitente jugo persa. Em Mênfis, a capital, Alexandre foi reconhecido como faraó, governante legítimo daquela vasta, rica e antiquíssima cultura. E mais: na tradição egípcia, o faraó era filho de Amon-Rá, o deus supremo.

Longe das escassas ruínas que restaram em Mênfis, no árido deserto Ocidental, fica o luxuriante e remoto oásis Siwa. Ali, certo dia ao cair da tarde, atravessei o povoado com seus desordenados casebres de adobe. No topo de uma pequena colina, cheguei a um edifício antigo, de emocionante simplicidade. Na época de Alexandre, era o templo de Zeus Amon, divindade sincrética greco-egípcia e um dos oráculos mais importantes do mundo helênico. Ao atravessar o limiar do templo percebi que estava seguindo, literalmente, os passos de Alexandre.

Pedaços de mármore do templo de Palas Atena em Priene, no litoral da Turquia, espalham-se neste local sagrado para os antigos gregos e seu soberano macedônio. Educado por Aristoteles e fascinado pela Ilíada, Alexandre visitou Priene logo após sua primeira vitória na Ásia, quando derrotou os persas no rio Granico, em 334 a.C. Na época, o templo estava em construção e Alexandre teve permissão de dedicá-lo à deusa Palas Atena, honra que antes lhe fora negada em Éfeso. Devoto e pragmático, Alexandre fazia sacrifícios diários aos deuses para obter sua proteção.

No início de 331 a.C., Alexandre acabava de fazer uma peregrinação de mais de 500 quilômetros através do deserto escaldante para chegar a esse templo. Desta vez sua jornada não tinha objetivos militares. Suscetível a presságios e superstições, o macedônio queria consultar o oráculo acerca de um assunto pessoal de suma importância. "Ele tinha o pressentimento de ser descendente do deus Amon", relatou Arriano. "Fez essa pergunta ao oráculo e recebeu (ou, pelo menos, foi o que disse) a resposta que seu coração desejava." Apenas três anos antes, em Tróia, Alexandre rendera seus tributos ao túmulo de Aquiles, convicto de que descendia desse guerreiro. Em retrospecto, esse entusiasmo parece quase ingênuo. Agora, aos 25 anos de idade, era reverenciado como um ser divino por uma das mais antigas civilizações da Terra.

Foi no Egito também que Alexandre deixou um dos seus legados mais duradouros: Alexandria, um dos grandes centros da Antiguidade. Até hoje pujante e cosmopolita, essa cidade portuária tem cafés elegantes, parques e alamedas em torno de ruínas gregas e romanas. Suas ruas e seus bairros vivem repletos de egípcios, turcos, levantinos, núbios, gregos e outros europeus. Todo esse frenesi moderno só passou a existir



[illegible]

Registrado em hierogl[illegible] de Alexandre [illegible] o templo [illegible] no Egito [illegible] Destruído pelos persas foi restaurado por Alexandre, cuja [illegible] aos deuses egípcios valeu-lhe a estima [illegible] Aclamado faraó aos 25 anos [illegible] a cidade de Alexandria no Mediterrâneo. Representada como uma mulher [illegible] [illegible] de Alexandre [illegible]

Os [illegible] em Gaugamela, ao norte da moderna Bagdá. Mais uma vez, também ali [illegible] Dario quem definiu o campo de batalha. Dispôs suas tropas ao longo de uma grande planície, ideal para sua excelente cavalaria e seus carros de guerra, dotados de mortíferas foices. De seu posto de observação em terreno mais elevado, Alexandre contemplou aquele imenso exército, bem mais numeroso do que o seu. Nele havia soldados de todas as regiões da Pérsia: Bactriana, Dahae, Aracosia, Pártia, Média, Índia, Babilônia, Mardia. A cavalaria persa chegava talvez a 34 mil homens — ou seja, cinco para um. Impressionado com o que via, Alexandre conteve seu impulso de atacar de imediato. Antes, examinou com cuidado o terreno e convocou uma reunião para elevar o moral de seus oficiais. Em seguida, ordenou que todos descansassem e se alimentassem, e ele se recolheu.

"Quando seus oficiais o procuraram de manhã cedo, ficaram atônitos ao ver que ainda dormia", escreveu Plutarco sobre o dia da mais importante batalha na vida de Alexandre. Enquanto isso, Dario e seus homens, alertas e nervosos, haviam passado a noite em claro em seus reluzentes armamentos, mantendo sua posição na planície. Logo os macedônios

VITÓRIA EM GAUGAMELA

Até hoje ressoa o clangor das armas em Gaugamela. Ali Alexandre comprovou seu talento de gênio militar. Em circunstâncias adversas, derrotou o exército persa de Dario III numa batalha que continua a ser estudada pelos estrategistas. Após essa vitória, Alexandre marchou em triunfo pelo interior da Pérsia.

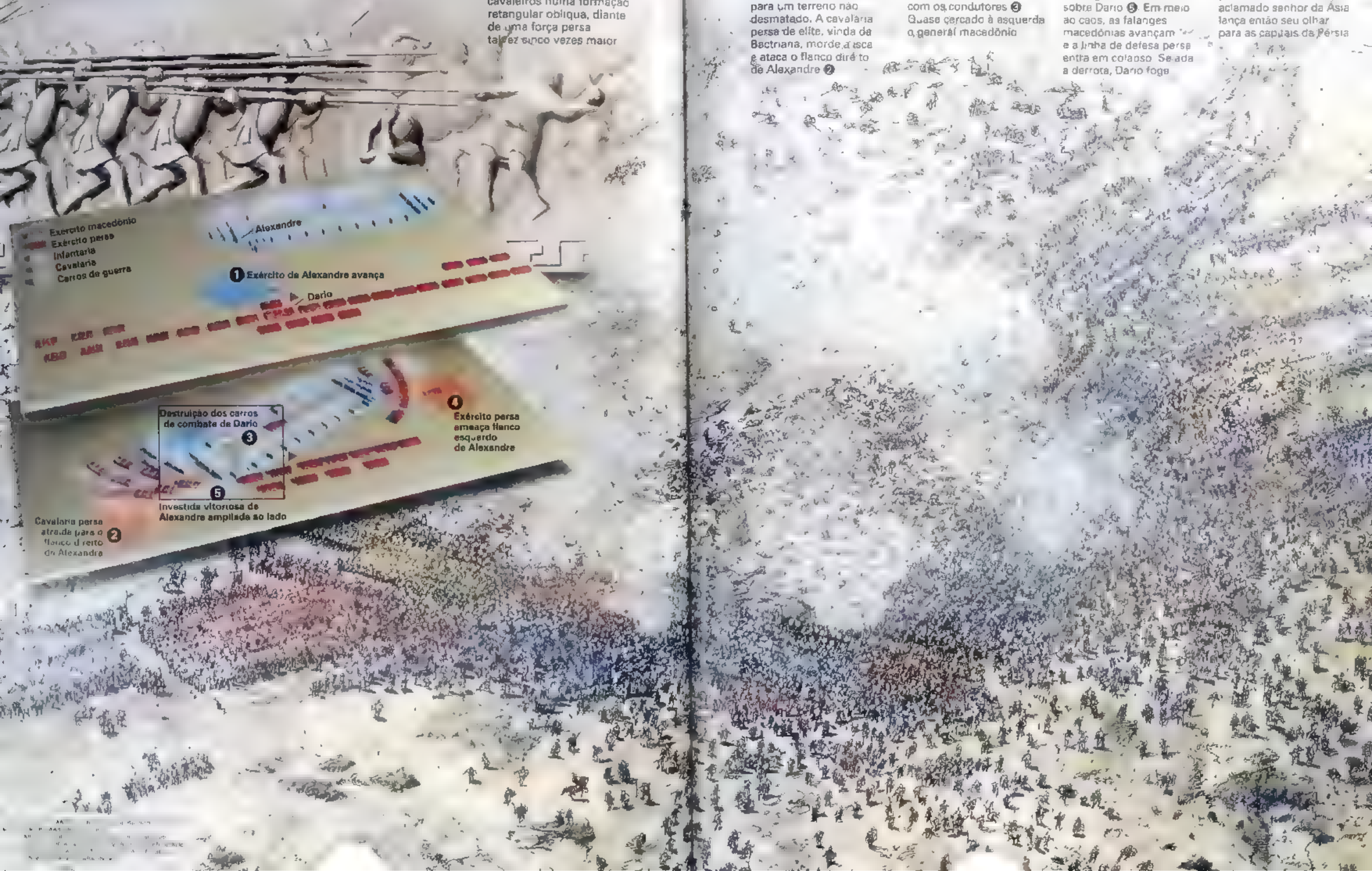
Dario escolheu a planície de Gaugamela para a batalha. Limpou o terreno para facilitar o avanço da cavalaria e dos carros de guerra. Historiadores antigos e modernos sugerem que Alexandre dispôs cerca de 40 mil soldados e 7 mil cavaleiros numa formação retangular oblíqua, diante de uma força persa talvez cinco vezes maior.

1º de outubro de 331 a.C. Em sua resplandecente armadura, Alexandre reúne seus soldados e os exorta à coragem. À frente da Cavalaria dos Companheiros, no flanco direito, Alexandre conduz seu exército para a direita ❶, a fim de atrair Dario para um terreno não desmatado. A cavalaria persa de elite, vinda da Bactriana, morde a isca e ataca o flanco direito de Alexandre ❷.

Dario ordena que entrem em ação os carros de guerra, armados com foices mortais. Porém as disciplinadas tropas de Alexandre [illegible] a abrir passagem e voltam a fechar-se, permitindo que arqueiros e lançadores de dardos acabem com os condutores ❸. Quase cercado à esquerda, o general macedônio

Parmênio consegue resistir ❹. A direita, os ref[illegible] Alexandre [illegible] persas [illegible] as [illegible] persas. Alexandre penetra por essa brecha num ataque em [illegible] e em seguida investe direto sobre Dario ❺. Em meio ao caos, as falanges macedônias avançam [illegible] e a linha de defesa persa entra em colapso. Selada a derrota, Dario foge.

A [illegible] persegue [illegible] persas [illegible] cont[illegible], mas [illegible] que a [illegible] perderam a vida. Dario [illegible] para o leste. Alexandre, aclamado senhor da Ásia, lança então seu olhar para as capitais da Pérsia.



Os olhos de lápis-lazúli de um príncipe aquemênida achado em Persépolis (à direita) testemunharam o horror que se abateu sobre a cidade em 330 a.C. Chamada de Parsa pela dinastia que a construiu, Persépolis (abaixo) era uma cidade sagrada e fora fundada pelo rei Dario,

[illegible] no século [illegible] dos [illegible] pelos [illegible] a cidade [illegible] seus [illegible] massacrados [illegible] palácios [illegible] Essa [illegible] aquele [illegible] Alexandre Magno.

[illegible] macedônios avançaram em perfeita ordem, com Alexandre à direita [illegible] colocando Alexandre na ponta de uma cunha, bem na frente de Dario. Sabendo que de qualquer forma estaria cercado pelos flancos, [illegible] dira atrair Dario para a extremidade de suas fileiras, e então atac[illegible] contra-ataque do centro do exército persa. O estratagema funcionou. Ambos os [illegible] do exército macedônio travavam [illegible] desesperad[illegible] dado momento sua cavalaria resistiu a uma força pers[illegible] [illegible] Alexandre avançou à frente da Cavalaria dos Companheiros [illegible]

As táticas de Alexandre eram ofensivas, explica o coronel [illegible] Kingsley [illegible] iniciativa, obtendo [illegible]

A [illegible] capital cerimonial da Pérsia. Até hoje podemos visitá-[illegible] pelos vestígios do magnífico complexo palaciano, [illegible] de um penhasco de onde se descortina uma paisagem árida e inóspita.

Alexandre entregou Persépolis aos seus soldados. Eles saquearam os ricos tesouros artísticos e passaram a fio de espada os homens adultos. Mais tarde, Alexandre mandou atear fogo aos palácios.

Tendo nas mãos a cidade mais sagrada dos persas, assim como seu tesouro, de cerca de 100 mil talentos de ouro (bilhões de dólares em moeda atual), Alexandre tornou-se senhor da Ásia. Mas faltava completar sua façanha e capturar Dario. Dizia-se que se refugiara em Ecbatana, a sudoeste da moderna Teerã. Porém, quando Alexandre ali chegou, Dario já havia fugido. Avançando em marcha forçada, sob o calor causticante, Alexandre [illegible] suas tropas que os soldados tombavam de exaustão. [illegible] perturbadora: Dario caíra [illegible] pretendente ao trono persa.

[illegible] Alexandre alcançou o comboio das provisões abandonado pelos persas e iniciou uma busca frenética por Dario. Um de seus soldados então notou um carroção fora da trilha, puxado por uma junta de bois feridos. Curioso, foi espiar lá dentro. Encontrou Dario algemado e mortalmente ferido, tendo ao seu lado apenas um cão fiel. Depois de beber um pouco de água oferecida pelo soldado grego, Dario morreu.

"Quando Alexandre chegou, demonstrou grande pesar pela morte do rei, e tirando sua própria capa, jogou-a sobre o corpo de Dario", escreveu o historiador Plutarco. Aristocrata até a raiz dos cabelos, Alexandre era, à sua maneira, respeitoso para com os outros reis. Talvez até desejasse uma chance de demonstrar sua magnanimidade, como fizera ao deixar incólumes a mulher e as filhas do rei persa. O corpo de Dario foi enviado a Persépolis para ser enterrado, enquanto Alexandre conduzia seu exército até uma cidade próxima a Hecatompilus, para um descanso extremamente necessário.

de descontinuidades entre rebeldes, Alexandre esmagou brutalmente a revolta. Fundou então Alexandria Areion, atual Herat, a primeira de muitas cidades fortificadas no Oriente, para defender as terras conquistadas, incentivar o comércio e abrigar tropas.

Ali começou a circular um boato entre os homens exaustos: a campanha havia terminado e logo poderiam voltar para casa. Alarmado, Alexandre reuniu seus generais e, segundo o historiador romano Cúrcio, que escreveu no século 1 d.C., "com lágrimas nos olhos, queixou-se de que estava sendo obrigado a parar no meio de uma brilhante carreira". Mais tarde, escolheu, entre cativos persas, nobres que seriam treinados para administrar os territórios conquistados. Seus compatriotas macedônios tinham revelado suas limitações, e o chefe, astuto, decidira preparar novos subordinados para a etapa seguinte da sua campanha, que parecia interminável.

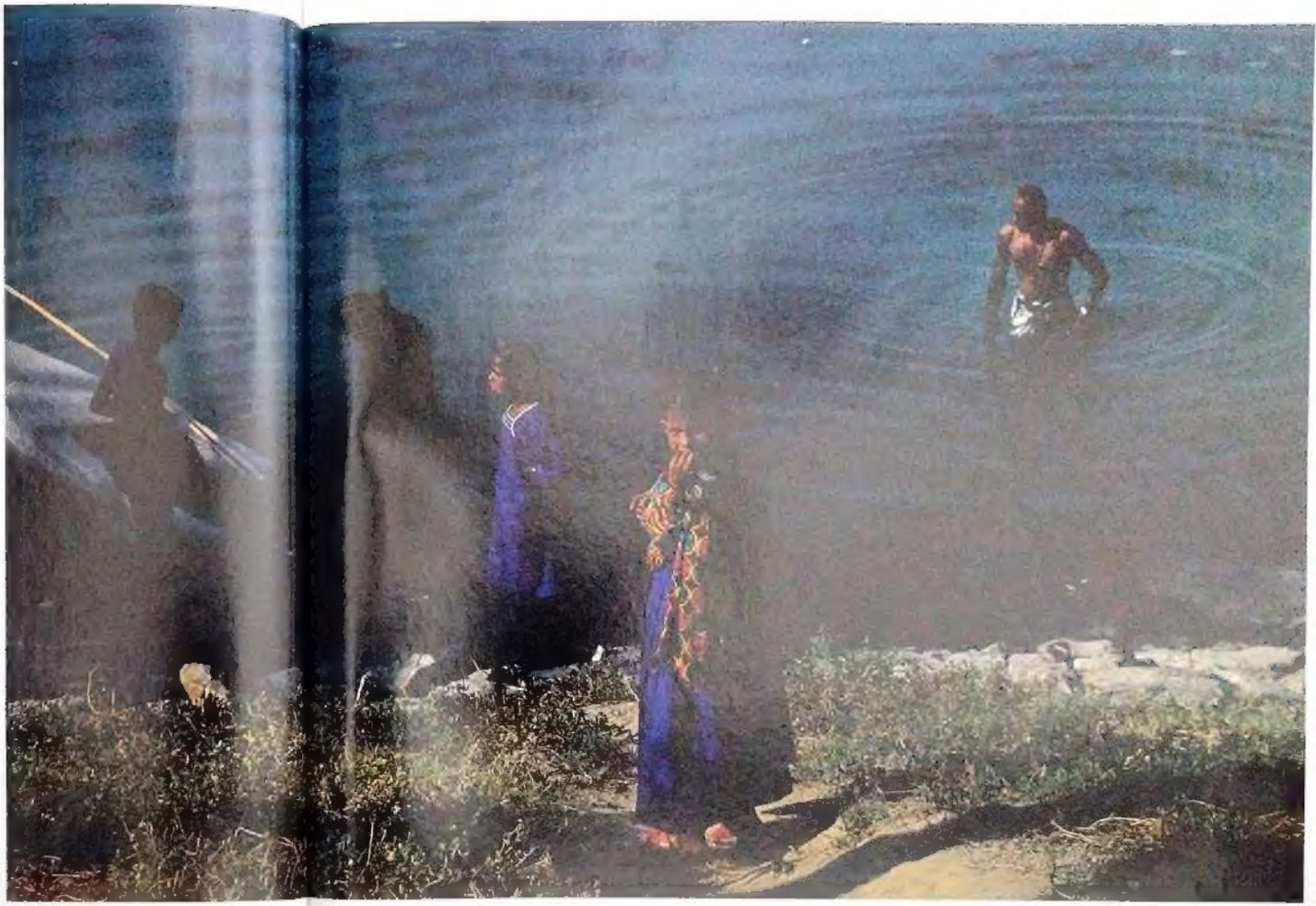
Alexandre voltou então sua atenção para outras conquistas na Ásia e para o rebelde Besso, que recuara da montanhosa região da Bactriana para a vizinha Sogdiana. A perseguição a Besso custou a Alexandre um ano, e o levou até as regiões mais remotas no norte do Império Persa, passando por terras desconhecidas e traiçoeiras. Dos altos desfiladeiros cobertos de neve do Hindu Kush, seguindo para o norte através do rio Oxo e entrando pelas planícies escaldantes de Sogdiana, seus soldados, cada vez mais infelizes, sucumbiam ao frio, ao mal das alturas e ao calor excessivo. O imenso território que conquistara até ali já era conhecido do mundo grego pelos relatos de comerciantes, soldados e diplomatas. Entretanto, as informações sobre a geografia das terras que se estendiam à frente e sobre os povos que lá habitavam eram obscuras e confusas.

No verão de 329 a.C., Besso foi capturado por seus próprios aliados, tomados de pânico, e entregue a Alexandre, que mandou amarrá-lo, totalmente nu, a um poste à beira do caminho, para ser alvo das zombarias dos batalhões que passavam. Por fim, foi mutilado e desmembrado, sofrendo a morte reservada aos traidores persas. A intenção de Alexandre ao dispensar a Besso esse tratamento era mostrar aos seus novos aliados persas que estava vingando a morte de Dario. E também que ele, Alexandre, era de direito o senhor da Ásia.

Mas a campanha de Alexandre na Ásia Central não terminou com a morte de Besso. Inesperadamente surgiu um adversário mais difícil, um nobre bactriano chamado Spitamenes. Com ajuda dos cavaleiros nômades do norte, este passou a fustigar os soldados de Alexandre, lançando ataques-relâmpago e depois recuando para as estepes. Esses ataques surpreenderam os homens num momento vulnerável. Debilitados pela marcha exaustiva até esse novo território, os veteranos do exército de seu pai, assim como os voluntários da Tessália, pediram a Alexandre para ser dispensados e mandados de volta para casa. Perigosamente desfalcado, Alexandre não teve opção senão recrutar soldados entre os bactrianos, há pouco subjugados.

"Alexandre supria seu exército recrutando homens entre as tropas inimigas", explica Nicholas Hammond, da Universidade de Cambridge. "O fato de que conseguia fazer isso é uma prova eloquente da sua capacidade de liderança." Embora compostas de diversas nacionalidades, suas tropas sempre lhe demonstraram uma notável lealdade.

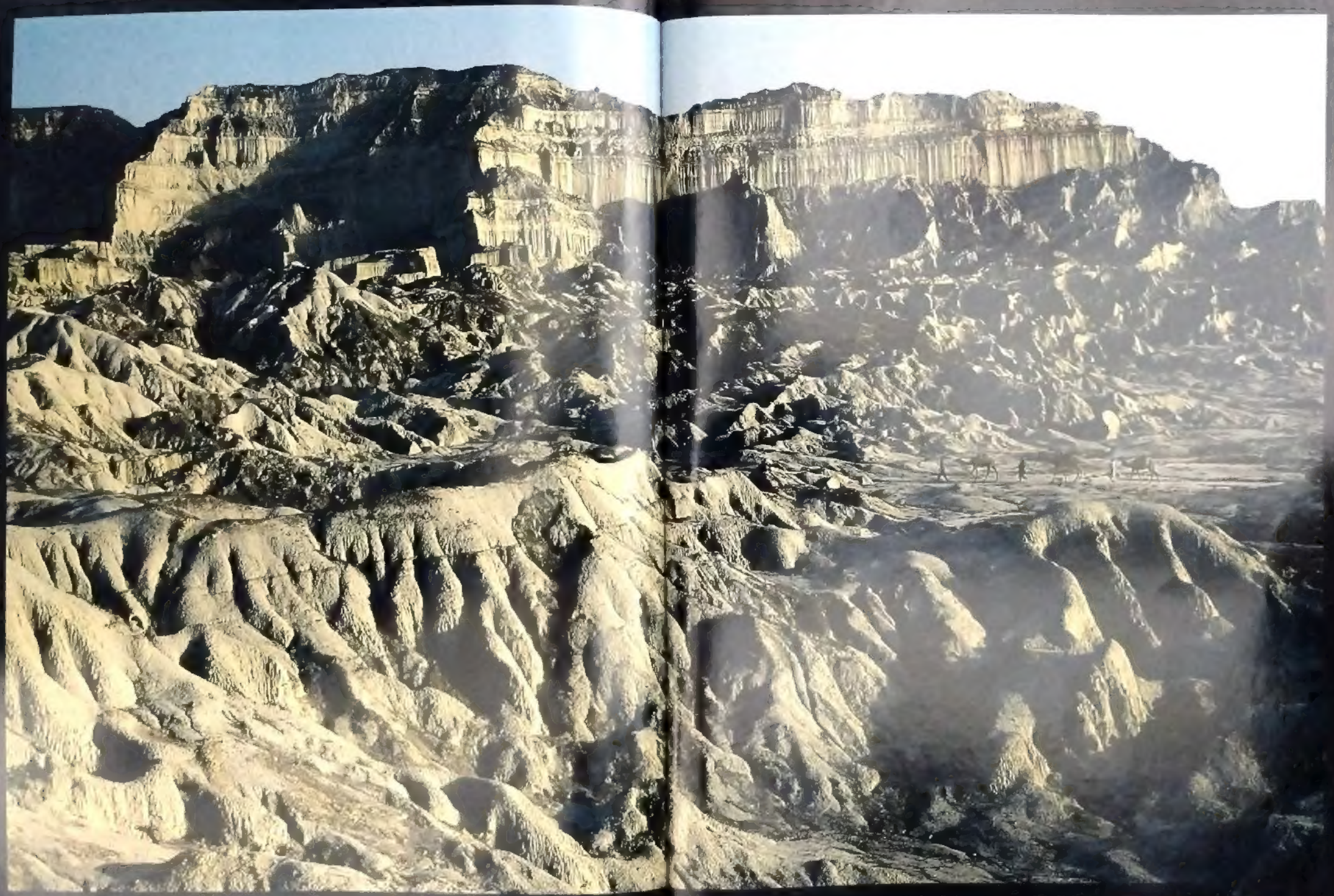
A penetração de Alexandre na região norte foi acompanhada de uma série de incidentes que revelam uma deterioração de seu caráter. Com as mudanças no exército, surgiram fortes tensões entre os novos recrutas e a velha-guarda. Alexandre adaptou e adotou trajes e costumes persas, para grande pesar dos macedônios. Cada vez mais paranóico,



Silencioso e acolhedor para um mergulho, o rio Jhelum tornou-se um verdadeiro inferno em 326 a.C. Inchado com as chuvas das monções, o rio separava Alexandre de seu inimigo, o rei indiano Poro. Alexandre dividiu seu exército para confundir o adversário. À frente de uma força de ataque, cruzou o rio à noite, sob a chuva. O exército de Poro foi surpreendido e de nada valeram seus temíveis elefantes de guerra. Tão horrendos eram o lamaçal, o caos e o derramamento de sangue que os homens de Alexandre começaram a desanimar. Essa foi a sua última grande batalha.

Alexandre acabou interpretando essas reações como demonstração de deslealdade por parte dos seus homens, portanto passíveis de morte. Um bom número de velhos companheiros foi vítima de sua desconfiança: o idoso general Parmênio, que sempre fora leal a Filipe, e também o filho de Parmênio; Cleito, que salvara a vida de Alexandre em Granico; e ainda Calístenes, sobrinho de Aristóteles. Todos eles foram executados ou assassinados. Em Hircânia, às margens do mar Cáspio, Alexandre ganhou de presente um eunuco chamado Bagoas, e fez dele seu amante. Embora aceitassem a bissexualidade, talvez os macedônios tenham se ofendido com a feminilidade excessiva do belo eunuco.

Mais ofensiva ainda para os macedônios era a prática da *proskynesis*, ou seja, a obrigação de prostrar-se no solo diante de Alexandre. Os gregos reservavam essa forma de adoração apenas para os deuses, mas os persas a ofereciam também ao seu rei. Atender aos gostos dos persas era uma medida pragmática, pois Alexandre precisava tanto da lealdade deles como da de seus soldados para futuras conquistas. E, claro, essa prática extravagante também ia ao encontro da sua convicção de ser descendente dos deuses.



Uma caravana atravessa o deserto de Gedrosia, no Paquistão. Movido pelo orgulho, Alexandre fez com que parte de seu exército marchasse por essas areias escaldantes. Desviando-se para o interior diante da cordilheira litorânea Makran (no alto), enfrentaram este lugar inóspito sem ração para os animais e com pouca água. Milhares morreram de fome e sede. A maioria das mulheres, das crianças e dos animais de carga se afogou durante uma enchente repentina. A marcha de 60 dias custou 60 mil vidas – e foi a pior derrota de Alexandre.

"Em sua honra queimavam-se mirra e outros tipos de incenso. Uma rigidez e um silêncio religiosos nascidos do medo acometiam a todos que eram admitidos em sua presença", escreveu Efipo, contemporâneo de Alexandre. "Pois ele era intolerável, um assassino, e, na verdade, considerado louco furioso." Além disso, passara a beber em excesso.

No início de 327 a.C., com Alexandre cada vez mais próximo, Spitamenes foi capturado e morto por seus próprios aliados. Sua cabeça foi enviada a Alexandre como sinal de paz. Naquela primavera, ainda combatendo rebeliões esporádicas, Alexandre conquistou uma fortificação nas montanhas da Sogdiana e tomou como esposa Roxane, filha do comandante capturado. Dizem os relatos que ficou impressionado pela beleza da jovem, na época com talvez cerca de 12 anos, mas o casamento também foi uma medida prática, transformando em poderoso aliado um de seus piores inimigos.

Pouco depois, Alexandre encerrou sua campanha de dois anos na Ásia Central, deixando atrás de si uma série de postos militares guardados tanto por soldados que falavam grego como por forças "bárbaras".

Com aura divina numa escultura grega tardia, Alexandre ganhou na morte o que buscou em vida: a condição de divindade. Mesmo antes de sua morte, aos 32 anos, em 323 a.C., muitas cidades gregas consideravam Alexandre um deus. Contudo, ao se tornar cada vez mais paranóico e despótico, acabou perdendo a lealdade das próprias tropas macedônias que haviam colocado a Ásia a seus pés.

MUSEU ARQUEOLÓGICO, TASOS, GRÉCIA / BRIDGEMAN INTERNACIONAL

NO MUSEU BRITÂNICO, em Londres, examinei uma surpreendente imagem numa moedinha desgastada: um minúsculo homem montado num cavalo empinado, brandindo uma longa lança para um elefante em fuga. Essa moeda foi cunhada para comemorar uma das vitórias mais difíceis e brilhantes de Alexandre, na região que ele conhecia como Índia (atual nordeste do Paquistão). Pelo que se conhecia na época, esta ficava próxima ao grande oceano que rodeava o mundo, nos limites extremos da Terra.

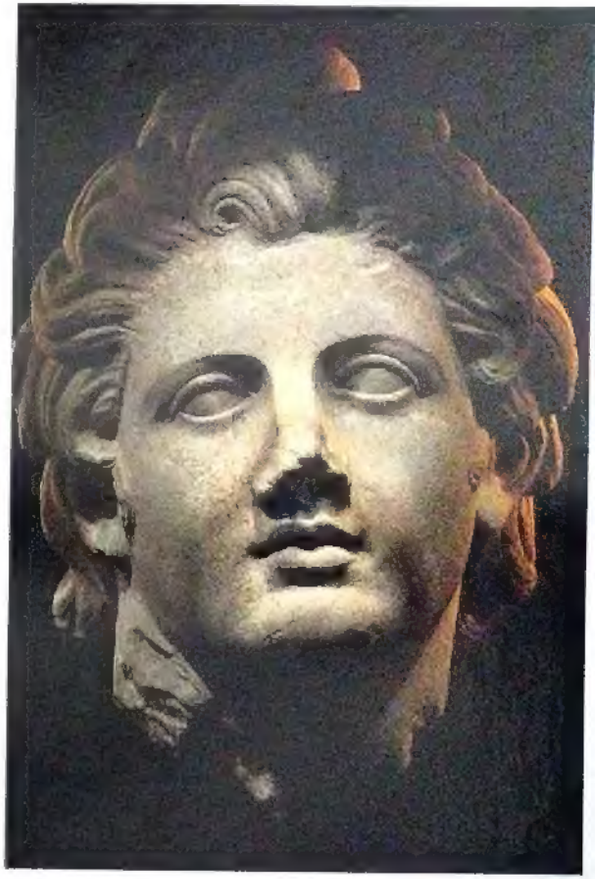
No início do ano de 327 a.C., Alexandre partiu de novo à testa de seu exército de 75 mil homens, dos quais agora apenas 15 mil eram macedônios, cruzando de volta a cordilheira do Hindu Kush. Em junho do ano seguinte chegou às margens do rio Hidaspes (atual Jhelum), onde enfrentaria um de seus adversários mais formidáveis. Com quase 2 metros de altura, Poro governava um extenso território no Punjab e estacionara suas tropas na outra margem do rio: 50 mil soldados, cavalaria e elefantes de guerra. Dessa posição defensiva, ficou à espera de Alexandre. "Poro montava um elefante bem maior que os outros", escreveu o historiador Cúrcio. "E sua armadura, cravejada de ouro e prata, conferia especial distinção ao seu físico avantajado."

Sob o olhar atento do inimigo, e decidido a criar o máximo de confusão, Alexandre fez com que seus homens marchassem de um lado para outro, como se estivessem se preparando para entrar em ação. Fogueiras eram acesas aqui e ali. Para os indianos, na outra margem, os macedônios pareciam estar sempre prestes a lançar um ataque decisivo. Por fim, cansado de tantos alarmes falsos, Poro retirou vários de seus vigias noturnos. Foi aí que Alexandre viu sua oportunidade.

Seus batedores haviam encontrado o lugar ideal para a travessia, 27 quilômetros rio acima, onde uma ilhota coberta de vegetação ocultava as águas do rio. Dividindo suas forças em três grupos, Alexandre comandou a travessia, protegido pela escuridão e por uma forte tempestade. Ao romper do dia, surgiu diante de Poro. Ocultando parte da cavalaria, Alexandre liderou o restante numa investida. Contava com o fato de que Poro mobilizaria todas as suas forças para decidir a batalha. Quando este mordeu a isca, o restante da cavalaria saiu do esconderijo.

Em meio à lama, à chuva e ao trombetear dos elefantes, os macedônios cercaram Poro, o qual, ferido, foi obrigado a recuar em seu elefante e logo foi capturado.

Trazido diante de Alexandre, este lhe perguntou como gostaria de ser tratado. Poro respondeu simplesmente: "Como um rei". Eram palavras que Alexandre compreendia. E, em troca de sua lealdade, devolveu o reino a Poro. Impaciente para chegar até os confins do mundo, Alexandre fez uma pausa para fundar uma cidade, Bucéfala, em memória do querido cavalo, que o acompanhara desde a infância e que morrera pouco depois da batalha, talvez ferido, talvez de velhice.



Estavam na estação das monções e os homens de Alexandre sentiam-se desanimados com as chuvas incessantes. Nas margens do rio Hifasis (atual Beas), um pouco mais para o leste, suas tropas por fim se rebelaram, encerrando o sonho de conquistar o mundo. "Em resumo, o que derrotou Alexandre foi sua ignorância da geografia", opina Peter Green. "Ele vinha dizendo aos soldados: 'Rapazes, vamos passar só mais esta montanha'. E então, de repente, viu descortinar-se à sua frente toda a planície do Ganges." Os geógrafos da época estavam errados: dali não se avistava nenhum fim do mundo. Exaustos, feridos e lembrando-se da medonha batalha de Hidaspes, dos berros dos elefantes em meio à lama e à confusão, pela primeira e única vez os soldados recusaram-se a seguir seu comandante. Enraivecido, este fez como Aquiles, na *Ilíada*: recolheu-se durante três dias em sua barraca, de péssimo humor. Vendo que seus homens continuavam decididos, saiu da barraca para consultar os presságios. Convenientemente, indicaram que era hora de retornar.

Alexandre se curvava diante dos deuses, mas não diante dos homens. No caminho de volta para a Pérsia, atingiu o auge da selvageria. Fundando postos militares gregos em pontos estratégicos, eliminou toda e qualquer resistência com uma violência que hoje só podemos chamar de genocídio. Era como se, após descobrir que o mundo era grande demais para ser conquistado, compensasse a frustração destruindo tudo o que encontrava pela frente. Como explica Badian, da Universidade Harvard: "No final, Alexandre não fundou nada de duradouro na Índia. Ao morrer, a maioria de suas conquistas na região já estava perdida".

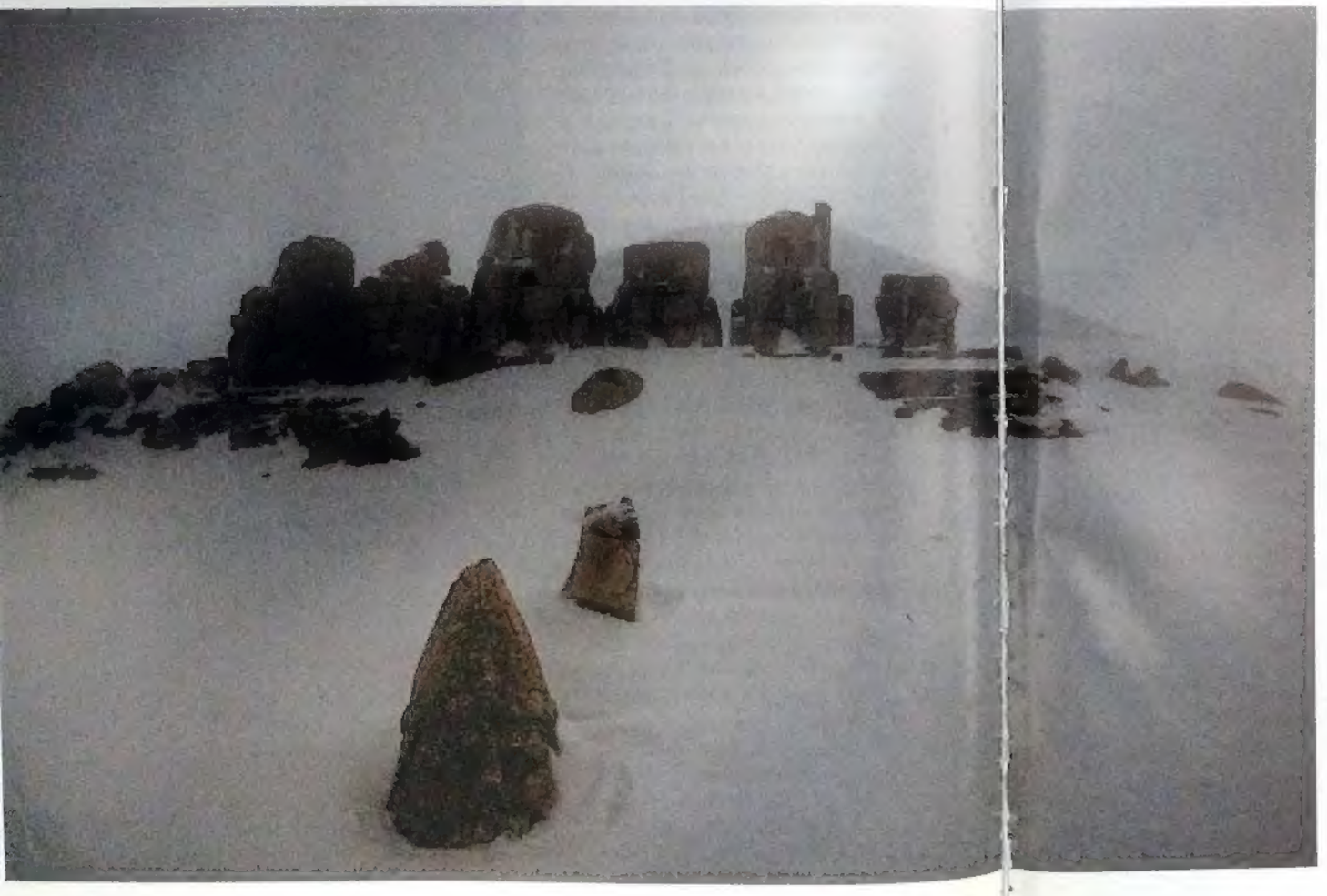
Num ponto ao norte da moderna Karachi, Alexandre dividiu suas tropas. Algumas, sob o comando de seu amigo de infância Nearco,

embarcaram em navios, partindo do oceano Índico para o golfo Pérsico. Alexandre em pessoa liderou outro contingente através do deserto de Gedrosia, que se estende pelo Paquistão e pelo Irã. Com muito pouca comida, sem ração para os animais e água muito escassa ou não potável, os soldados e seus acompanhantes foram morrendo pelo caminho. Essa retirada foi a campanha mais desastrosa de Alexandre. Entraram no deserto talvez 85 mil pessoas, incluindo o comboio das provisões; dele saíram com vida apenas 25 mil.

Num dia de agosto cheguei a Ahwaz, cidade no deserto do Irã, na fronteira com o Iraque. Às 6 da tarde a temperatura era de 51ºC. Cerca de 100 quilômetros ao norte ficam as ruínas de Susa, capital de inverno do Império Persa. Hoje é um local desolado – apenas a terra plana com tufos de vegetação e arbustos entre os alicerces de adobe do palácio. No chão, lajes do calçamento e pedaços de colunas caneladas.

Alexandre chegou a Susa em março de 324 a.C. Logo depois, deu boas-vindas a cerca de 30 mil jovens persas de origem nobre que, conforme suas ordens, haviam aprendido grego e as táticas militares dos macedônios. Esses potenciais substitutos de seus envelhecidos

De seu túmulo nevado, a cabeça de um deus contempla Nemrud Dagh, na Turquia. O rei Antíoco I de Comagene construiu este estranho santuário como sua sepultura, decorando-o com uma mescla de deuses gregos e persas. Dizendo-se parente de Alexandre e dos acmênidas persas, Antíoco de certa forma simbolizava a Era Helenística, uma época em que a língua e a cultura gregas uniam terras do oceano Atlântico, a oeste, ao vale do Indo, a leste. Foi esse o grande legado de Alexandre – o jovem soberano macedônio cuja única ambição era a conquista do mundo.



colaboradores mais íntimos Alexandre chamou de "sucessores". Na mesma época, celebrou um casamento coletivo, para si mesmo e mais de 80 outros oficiais macedônios, unindo-os a filhas de famílias nobres persas. Ele próprio tomou duas esposas, uma das quais a filha de Dario. A Pérsia, e não a Grécia, era agora sua base de operações. Apesar do revés sofrido no rio Hifasis, sua ambição continuava intacta. Começou a fazer planos de conquistar a Arábia e talvez Cartago, ou a Itália...

Em Ecbátana, no outono daquele ano, Hefestion, seu companheiro de infância, adoeceu e morreu de causas desconhecidas. A dor de Alexandre foi dilacerante. Ele lamentou a morte do amigo como a morte de um herói – e mandou crucificar o desafortunado médico que não conseguira salvar sua vida. O próprio Alexandre estava com a saúde abalada por um golpe no peito recebido na Índia – um de seus muitos ferimentos. Também era sujeito a mudanças de humor e acessos de fúria assassina.

Mesmo assim, no início de 323 a.C. ele partiu para a Babilônia, a fim de preparar a expedição à Arábia. No dia 29 de maio, durante um banquete, sentiu dores abdominais e retirou-se para seus aposentos. Nas duas semanas seguintes Alexandre foi acometido de febre e, embora sacrificasse aos deuses e cuidasse de forma intermitente de seus negócios, nunca mais conseguiu levantar-se da cama. Seus soldados, aterrorizados com os boatos crescentes de que o líder havia morrido, insistiam em vê-lo com os próprios olhos.

"Nada podia afastá-los de perto dele, e o motivo, em quase todos os corações, era o profundo pesar e uma espécie de espanto e desamparo com a perspectiva de perder o seu rei", registrou Arriano. "Deitado na cama, mudo, enquanto seus homens passavam para vê-lo, ele se esforçava para erguer a cabeça, e em seus olhos havia uma expressão de que reconhecia cada um que passava."

Em 10 de junho de 323 a.C. Alexandre morreu. Os estudiosos modernos divergem quanto à causa da sua morte. Alguns deles a atribuem ao excesso de bebida, outros à malária ou a uma úlcera perfurada. Sugeriu-se também a possibilidade de um tipo raro de febre tifóide, chamado de paralisia ascendente. Neste caso, o conquistador devia ter a aparência de um morto antes mesmo do fato consumado. Isso confirmaria fontes antigas, segundo as quais seu corpo só começou a se decompor vários dias após a morte. Faltava muito pouco para que ele completasse 33 anos de idade.

Séculos após sua morte, o imperador romano Augusto expressou seu espanto ao constatar que "Alexandre não organizara o império que havia conquistado – tarefa mais grandiosa do que a própria conquista". Porém, a ambição de Alexandre era a conquista pura e simples.

Mesmo assim, a paisagem cultural do Oriente já se modificara. Com a morte de Alexandre assinalou-se o início de uma nova época: a Era Helenística, que viu a difusão da cultura e da língua gregas por todo o Oriente, e durou de 323 a.C. a 31 a.C., quando o Egito dos Ptolemeus foi conquistado por Roma.

À margem do rio Hifasis, antes de recuar, conta-se que Alexandre mandou erguer um monumento extraordinário, do qual, porém, nunca se achou nenhum vestígio. Consistia de 12 altares para uma eclética coleção de deuses, tanto gregos como orientais, e um obelisco de bronze onde se liam as seguintes palavras: "Alexandre parou aqui". □